



A ESCOLA COMO OFICINA DE HUMANIDADE.

O CONTRIBUTO DO DESPORTO ESCOLAR.

Dissertação apresentada com vista à obtenção de grau de Mestre (Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de março) em Desporto de Crianças e Jovens.

Orientador: Prof. Doutor Rui Manuel Proença de Campos Garcia

Carla Alexandra Machado de Azevedo

setembro 2012

Azevedo, C. (2012). *A Escola como Oficina de Humanidade. O contributo do Desporto Escolar.* Porto: C. Azevedo. Dissertação de mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Desporto de Crianças e Jovens, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE:

SOCIEDADE, EDUCAÇÃO, ESCOLA, DESPORTO ESCOLAR, HUMANIDADE.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que de diferentes formas me deram a força, que muitas vezes me faltou, para a sua concretização.

Às minhas queridas filhas Luísa e Isabel que apesar de tão pequeninas souberam esperar pela mãe. São elas que todos os dias me dão força e coragem para enfrentar as contrariedades da vida. Amo-vos tanto!

Ao Pedro, meu namorado. Pelo amor, amizade e carinho e por acreditar em mim sempre que fraquejei. Não quero mais ser sem ti.

A meus pais e irmãos que me ajudaram a ser e a querer ser sempre mais e melhor.

À minha irmã Bela que na sua partida me ensinou tanto sobre o valor das coisas simples da vida. Estás sempre no meu coração.

Ao meu professor, treinador e amigo, professor Rui Garcia que me incentivou nesta aventura. Obrigada por este regresso à faculdade.

AGRADECIMENTOS

O empenho na realização deste trabalho foi presenteado com a dedicação, incentivo, apoio e amizade de pessoas que aqui me fazem manifestar o meu profundo e sincero agradecimento:

- Ao professor Rui Garcia, meu orientador, que em todo o meu percurso universitário e, presentemente na elaboração da tese, revelou a sua excelência profissional e humana. Obrigada pela dedicação, compreensão e amizade. Obrigada por me acompanhar mais uma vez.
- Ao professor Álvaro Santos, diretor da Escola Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, pelos sábios e preciosos conselhos que informalmente me forneceu, e pela bibliografia facultada.
- À Elizabete Mesquita, colega e vizinha, pelos livros emprestados e pelos esclarecimentos filosóficos que em muito me ajudaram.
- Aos colegas de escola e especialmente de educação física, pelo apoio durante o ano letivo. Um agradecimento especial à Emília, excelente profissional e colega, pelos desabafos e pelos incentivos nos momentos difíceis.
- Ao Pedro, pelas conversas e opiniões sobre o trabalho mas especialmente pelo amor e carinho com que sempre me mimou.
- Às minhas filhas por deixarem a mamã estudar.
- À avó paterna das minhas filhas pelo amor que lhes tem e por ter ficado com elas para eu poder trabalhar.
- Às minhas sobrinhas Ana e Sofia pelo apoio sempre presente.
- A meus irmãos pelo apoio nesta fase difícil da minha vida.
- A meus pais que com tanto esforço me ajudaram a ser quem sou.

Obrigada!

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	III
Agradecimentos	V
Índice	VII
Resumo	IX
Abstract	XI
Introdução	13
Desenvolvimento do Problema	
1. O HOMEM	
1.1. Reflexões conceituais	15
1.2. O homem, ser cultural	18
1.3. O homem: finalidades da educação	25
2. SOCIEDADE E EDUCAÇÃO	
2.1. Sociedade contemporânea	31
2.2. O cenário atual da educação	36
2.3. Os valores humanos – no horizonte da excelência educativa	39
2.4. Papel da sociedade na construção do ser humano	48
3. A ESCOLA	
3.1. Conceitos e finalidades	53
3.2. Por uma escola cultural	57
3.3. A escola como oficina de humanidade	61
4. O DESPORTO	
4.1. Desporto como atividade cultural	65
4.2. O valor do desporto	71
4.3. Contributo do desporto escolar na formação do ser humano	76
5. CONCLUSÕES	89
6. BIBLIOGRAFIA	91

RESUMO

Estamos perante uma crise humana que se repercute na vida social a todos os níveis. O sistema educativo e, a escola em particular, atravessam dificuldades visivelmente preocupantes. O desporto é uma atividade cultural muito presente na vida social e importa, por isso, refletir acerca do seu valor educativo.

Acreditamos que a escola é uma instituição privilegiada de fabrico do humano. O desporto, na escola, deve preconizar o mesmo objetivo. Perceber de que forma a escola pode contribuir para a formação humana e qual o contributo do desporto escolar nessa nobre missão constitui-se assim o nosso propósito de estudo.

Para a concretização deste trabalho recorremos a uma vasta revisão da literatura optando prioritariamente por autores consagrados nas diferentes áreas e intimamente ligados ao desporto.

A análise literária efetuada e a comprometida reflexão pessoal acerca da nossa experiência profissional permitiram concluir que é necessário mudar e dar um novo rumo à educação. A escola cultural é a resposta às necessidades formativas dos jovens. O desporto escolar é, por excelência, uma atividade educativa extremamente apelativa de valores que em tudo dignificam o ser humano.

PALAVRAS-CHAVE:

SOCIEDADE, EDUCAÇÃO, ESCOLA, DESPORTO ESCOLAR, HUMANANIDADE.

ABSTRACT

We are facing a human crisis, which influences all aspects of social life. Both the education system and school in particular have to cope with difficulties that are a major cause for concern. Sport is a cultural activity, which is ubiquitous in social life and so it is important to reflect upon its educational value.

We believe that school is a privileged institution for human character building. Sports, at school, should fulfill the same goal. The purpose of our study is thus to understand how school can contribute for human building and to what extent can sports at school contribute to that noble mission.

In order to carry out this study we have resorted to a thorough review of literature, mainly choosing authors who have been notorious in the different areas and closely related to sports.

The literary analysis that we have carried out and the engaged personal reflection about our professional experience have made us come to the conclusion that it is necessary to change and give a new direction to education. Cultural school is the answer to young people's formative needs. School sports are above all an activity, which promotes values that dignify human beings in every possible way.

Key words:

Society, Education, School, School Sports, Humanity

INTRODUÇÃO

O panorama geral da sociedade é preocupante. A crise social vigente resultante da atual situação económica, política e cultural não nos deixa indiferentes. O desemprego, a precariedade das relações laborais, a desagregação familiar, o relativismo axiológico, o exacerbo da individualidade, a perda de referências locais, a obsessão por redes e comunidades virtuais e as constantes mudanças tecnológicas e científicas que nos surpreendem a todo o momento, estimulam em nós sentimentos de insegurança e temor quanto ao futuro.

A educação não está descomprometida com esta crise. Na escola sente-se sobremaneira o atual dilema social. Os alunos trazem para a escola o retrato da sociedade em que vivem: falta de civismo, de responsabilidade, de disciplina, de regras, em suma, falta de valores éticos e morais. Os professores vêm-se cercados de burocracia e por demandas superiores desviados da sua verdadeira missão educativa. Decretos-lei, normas orientadoras, ofícios regulamentares surgem a todo o momento, não se sabendo se a verdade de hoje é válida para o dia de amanhã. Mas o pior é constatado, as constantes mudanças têm vindo a denegrir o estado da educação.

No entanto, escola é hoje encarada como a cura de todos os males sociais apesar, de também nela assentarem todas as culpas. Como refere Bento (2007:48). “A escola deixou de ter uma missão específica, melhor dizendo, tornou-se uma ‘sopeira’ ou ‘diarista’, uma criada para todo o serviço, uma instituição investida de todas as missões possíveis e imagináveis.

É urgente mudar a sociedade e para isso é necessário traçar um caminho diferente para a educação. A escola é, por excelência, o ponto de partida de uma educação que se quer digna do ser humano.

Perspetivar a educação implica obrigatoriamente compreender o homem. A sua essência é de ordem cultural, nele estão impressas todas as

manifestações de uma cultura que por ele é criada. E porque a cultura se configura como instrumento educativo é de extrema importância a forma como a conduzimos.

O desporto, como obra de criação humana, não é alheio ao crítico panorama social. Perante factos e argumentos de credíveis entidades que reconhecem o valor do desporto na saúde e na formação e educação dos jovens, ainda há ações concretas não condicentes com o valor que lhe é atribuído. As atividades físicas instituídas na escola são prova desta incoerência. A disciplina de educação física é desvalorizada, diminuiu-se a carga letiva atribuída que lhe era atribuída e as classificações dos alunos deixaram de entrar no cálculo da média para candidatura ao ensino universitário.

Quanto ao desporto escolar a situação ainda é mais grave. Sorrateiramente se vão disponibilizando menos horas para cada grupo (equipa) e escandalosamente se sentem indícios de que a vontade ministerial é a de erradicar de vez o desporto na escola.

Na pele de profissionais do desporto e em que nele apostam e reconhecem o seu importante valor educativo, questionamo-nos do porquê, do sentido em banir da escola esta atividade tão acarinhada e necessária aos alunos.

Partindo desta indignação lançamo-nos ao desafio de compreender as premissas educativas de uma escola que se quer indutora de humanidade e de averiguar o contributo específico de desporto escolar no fabrico do ser humano.

DESENVOLVIMENTO DO PROBLEMA

1. O HOMEM

1.1. Reflexões conceituais

Ao centralizar o nosso estudo na formação do homem, torna-se imperioso realizar uma reflexão acerca da natureza humana. A educação é, de facto, uma característica exclusiva do ser humano, por isso, o nosso enfoque tem necessariamente que passar por um entendimento de homem. É inconcebível traçar um rumo para a tarefa educativa sem que conheçamos o sujeito do seu estudo. O que é, quem é, e como educar o homem são pressupostos importantes para perspetivar uma educação que contemple toda a dimensão humana.

É desde a antiguidade que assistimos à tentativa de definir o homem. D'abadia (2009), Delius, Gatzemeier e Wünscher (2001) e Magalhães (2009) foram a base da nossa busca nas diferentes conceções do homem nas várias épocas.

Na filosofia pré-socrática Diógenes define o homem como uma estrutura corporal-espiritual, cuja natureza se manifesta na cultura por meio de suas obras.

Para Sócrates o homem distingue-se de todos os outros seres da natureza em virtude do predicado da racionalidade. Para ele a alma é a sede de uma “areté” que permite medir o homem segundo a dimensão interior na qual reside a verdadeira grandeza humana.

Epicuro diz que o homem é essencialmente um ser-que-sente, cujo objetivo é a felicidade que consiste em viver a vida em harmonia consigo próprio e com a natureza.

Para Santo Agostinho, importante referência da idade média, o homem é um ser racional, para ele, a razão e a fé são inseparáveis pois a razão está na fé e na fé repousa a razão.

Christofero Landino considera o homem como uma unidade formada pelo corpo e pela alma, bem como um ser social.

Para Mirandola (2006:57) o homem é referido como um milagre da criação um ser que se situa entre o mundo terreno e o divino. O filósofo refere-se ao homem como um ser possuidor de livre-arbítrio e por isso capaz de decidir o seu destino “ Ó suma liberalidade de Deus pai, ó suma e admirável felicidade do homem! Ao qual é concedido obter o que deseja, ser aquilo que quer”. O homem é comparado a Deus dado o seu poder de criação.

John Locke define o homem como um ser dotado de razão e reflexão, e que pode considerar-se a si mesmo como um eu, em diferentes tempos e lugares.

Já no século XX, Arnold Gehlen, caracteriza o homem como um “ser de imperfeições”, com sentidos menos apurados, menos força física e instinto comparativamente aos outros animais.

Ao percorrermos a história revemos nos ideais das várias épocas diferentes conceitos de homem. A sua definição nunca foi, nem nunca será fácil, o homem é um ser de várias dimensões e quando mais faz história mais demonstra sua complexidade. No entanto, mais que definir o que o homem é, importa compreender a sua essência, a sua natureza.

O homem é um ser complexo, de várias dimensões como já referido anteriormente. Na bibliografia são diversas as nomenclaturas apresentadas relativamente à dimensão humana. Pourtois e Desmet (1997:47) referem que

são quatro as dimensões da vida humana : a afetiva, a cognitiva, a social e a ética. A dimensão afetiva contempla o “eu singular”, “eu sujeito”, a cognitiva o “eu racional”, a social o “eu social e coletivo”, por fim, a ética, os “valores culturais e educativos”. Para os autores é necessário formar o homem abraçando todas as dimensões, perspetivando assim o desenvolvimento do homem na plenitude do seu ser. “O espaço educativo (família, escola, sociedade...) torna-se num local de transmissão de normas, de saberes..., mas também num local de formação do sujeito individual e colectivo. Para chegar a esta perspetiva, convém tornar a identidade dos indivíduos mais heterogénea, ou seja, formar sujeitos bem desenvolvidos nas quatro dimensões atrás referidas” (pág. 46).

Barbosa (2010), na defesa de uma educação holística que abarque a globalidade da personalidade humana, enumera assim seis dimensões do ser humano: a corpórea, a afetiva, a cognitiva, a social, a estética e a espiritual.

Patrício (1993) sustenta mais detalhadamente as várias dimensões que deverão ser contempladas na formação integral do homem. São elas as dimensões vital, prática, hedonística, estética, lógica, ética e religiosa. Estas dimensões correspondem à ordem de valores defendida pelo autor e que oportunamente serão analisados.

Sendo o homem, a pessoa humana, um ser que abarca todas estas dimensões, facilmente se torna compreender a sua complexidade, a sua singularidade e unicidade perante os seres vivos. Todos e cada um de nós somos, desde que nascemos, expostos a uma conjugação única de vários fatores externos que nos fazem únicos. Do que nos é dado da humanidade e do que nos é dado do eu biológico resultam combinações excecionais que fazem de qualquer um de nós uma pessoa singular.

Mas, então, esta unicidade deve-se fortemente a tudo o que nos é dado pelo exterior, que nos é inculcado pela sociedade em que estamos inseridos. Durkheim afirma que há dois seres em cada homem: “Um, é constituído por todos os estados mentais que apenas se referem a nós próprios e aos

acontecimentos relacionados com a nossa vida pessoal: é aquilo a que poderíamos chamar o ser individual. O outro, é um sistema de ideias, de sentimentos e de hábitos que expressam em nós, não a nossa personalidade, mas sim o grupo, ou diferentes grupos de que fazemos parte...”. “O seu conjunto constitui o ser social. A constituição desse ser em cada um de nós, eis a finalidade da educação” (Durkheim, 2001:13).

1.2. O homem, ser cultural

Mas quem somos, o que nos diferencia de outros seres, dos animais?

Desde tempos distantes que assistimos à tentativa de definir o homem. Quem somos e o que nos diferencia dos outros seres vivos do reino animal são dúvidas que há muito suscitam a mente de inúmeros filósofos. Que somos diferentes é mais que evidente aos olhos de qualquer comum dos mortais. Uma criança de tenra idade rapidamente deteta essas diferenças, pelo menos atendendo à morfologia humana, em muito diferente dos outros seres vivos. Em linhas gerais somos bípedes, não temos pelo, escamas ou asas e possuímos uma linguagem, em praticamente tudo, diferente da dos animais.

Mas não são estas as diferenças que nos distanciam verdadeiramente dos outros seres vivos. Na linha de pensamento de Kröeber (1993) debruçemo-nos sobre a reprodução. Todos os seres vivos têm capacidade de se reproduzirem, salvo os detentores de incapacidades fisiológicas inatas ou adquiridas, é certo. Mas, enquanto a vida animal se desenrola essencialmente com base no que recebeu pela hereditariedade dos seus progenitores, pelas faculdades orgânicas recebidas, na vida do homem a estrutura orgânica recebida é apenas uma parte do que receberá no seu trajeto de vida. O ser

humano recebe, além do que lhe é dado pela hereditariedade muitas outras coisas que com ela nada está relacionado.

Se pensarmos na evolução das espécies do reino animal, vários estudos nos revelam que há ajustamentos morfológicos e fisiológicos com vista a adaptações climáticas ou mesmo do meio habitat. A título de exemplo, o gafanhoto que desenvolveu um terceiro par de patas e um sistema respiratório adaptado, respetivamente para locomoção e para sustentação da respiração no meio aquático, o que lhes permite esconderem-se nas raízes submersas destas plantas, evitando predadores. O urso polar, que desenvolveu uma camada de gordura subcutânea e uma dupla camada de pelos para o proteger do rigor do frio e do mar (Gonçalves,2011).

O ser humano não sofre adaptações morfológicas para adaptação a novos meios. Para se mover dentro de água inventou os submarinos, para se proteger do frio construiu casas, criou o ar condicionado. O ser humano tem o poder inato para criar coisas que não lhe são inatas. Este poder ou capacidade é resultado da sua racionalidade, mas não só. Na perspetiva de Kröeber (1993:45), “Esta superioridade psíquica é apenas a condição indispensável do que é peculiarmente humano: a civilização”. Isto é, da cultura humana, de tudo o que é herdado, não pela hereditariedade genética, mas por uma cultura que o autor define como “...a massa historicamente diferenciada e variável de modos costumeiros de funcionamento das sociedades humanas” (pág.238). Uma cultura fruto da herança social, de um todo constituído pelo passado e pelo presente, pela família e pela sociedade em geral.

A evolução da humanidade processa-se por toda uma herança cultural que é transmitida de geração em geração e por acrescentos quer individuais quer coletivos que se vão realizando em vários domínios culturais e, que em nada está relacionada à hereditariedade biológica. Os restantes seres vivos adaptam-se e evoluem através de transformações orgânicas resultantes da hereditariedade.

Outro aspecto de importância essencial na diferenciação do ser humano relativamente aos seres vivos é a linguagem. Segundo Kröeber (1993), se bem que ambas têm semelhanças (na expressão de emoções e possivelmente ideias) apresentam ao mesmo tempo diferenças profundas. Os animais são detentores de uma linguagem própria da espécie mas é uma linguagem, abusivamente assim lhe chamando, que serve preferencialmente o instinto da sobrevivência e que o autor assume como hereditária e orgânica, tal como as características morfológicas. Qualquer animal criado no seio de outra espécie não deixa de assumir as suas características. Um gato que há nascença seja retirado aos seus progenitores para ser criado por exemplo, por uma família de cães, nunca chegará a ladrar, o miar será sempre uma marca da sua raça de gato. Se esse gato for deixado ao abandono, sem relação com quaisquer outros animais ou humanos e com condições que lhe permitam sobreviver, miará porque o miar é hereditário.

Por outro lado temos o ser humano. Façamos o mesmo exercício e imaginemos um recém-nascido a ser retirado aos seus pais e a ser criado por uma família que não fale a mesma língua que os progenitores. A criança falará a mesma língua que a família de criação. A linguagem humana não é hereditária, é cultural, adquirida por semelhantes. É uma linguagem repleta de significados e abstrações, que serve para dizer tudo o que queremos, e não apenas o que necessitamos. Savater (2000:106) refere que a linguagem humana é mais profundamente diferente das chamadas linguagens animais que a própria fisiologia humana da dos outros primatas ou mamíferos. “Por causa da linguagem as coisas que já não existem, ou as que ainda não existem...mesmo as que não podem existir têm importância para os humanos”.

“ O que eu sei de mais seguro a meu respeito é que sou um ser falante, um ser que fala (consigo próprio, para começar!), alguém que possui uma linguagem e que portanto deve ter semelhantes. Porquê? Porque eu não inventei a linguagem que falo – ensinaram-ma, impuseram-ma – e porque toda a linguagem é pública, serve para objectivar e partilhar o subjectivo, está

necessariamente aberta à compreensão de seres inteligentes...feitos à minha imagem e semelhança". (Savater, 2000:93)

Para Patrício (1993:220) é a palavra que estabelece a grande diferença entre o homem e os animais, não apenas a palavra verbal mas a "(...) palavra da cultura: de toda a obra da cultura, de todo o acto cultural".

A palavra é a senha de entrada no mundo humano e incontestavelmente, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é ela que nos permite transcender a nossa experiência. O homem é o único ser capaz de criar símbolos, isto é, signos arbitrários em relação ao objeto que representam. A linguagem é um sistema simbólico, é produto da razão e só pode existir onde há racionalidade. "A linguagem é o certificado de pertença da minha espécie, é o verdadeiro código genético da humanidade" (Savater, 2000:93). Pela linguagem, o homem deixa de reagir somente ao presente, ao imediato; passa a poder pensar o passado e o futuro e, com isso, a construir o seu projeto de vida.

O homem é, assim, uma manifestação de cultura. Revela-se na relação com o seu passado e com o seu futuro, um passado de aprendizagens, de manifestações culturais e um futuro que constrói, construindo-se também ele a si. Para Torres (2006:45) "Ser homem, é ser alguém. Esse alguém que interage com os outros. O Homem, enquanto ser cultural, comporta-se perante os outros e é das vivências que possui, que constrói o seu presente e o seu futuro".

Ora, a história das nossas vidas, a história da vida do homem é uma história de cultura. A vida humana apresenta-se como uma viagem efetuada através de aprendizagens constantes que nos são transmitidas desde que nascemos. As primeiras palavras que proferimos, a forma como nos alimentamos, as regras que desde tenra idade nos são impostas, são fruto inequívoco da atividade cultural do homem, pois a cultura é tudo que é produto da ação humana, o homem é homem pela cultura, é ela que nos distingue dos

animais. Segundo Patrício (1993:307) "...a cultura é a obra do homem; o homem é o obreiro da cultura; o homem é obreiro de si próprio e é a sua própria obra".

Assim sendo, o homem é um ser único em espécie, mas diverso culturalmente. Cada ser humano tem um tempo e um espaço que lhe são próprios o que lhe proporciona uma individualidade singular fruto das interações que o envolvem. Para Garcia (2006:10) "O homem é o ser que se constrói no tempo e no espaço, pelo que não nos é difícil aceitá-lo como um ser situado temporal e topograficamente. Temporal pois há um tempo no qual e mediante o qual o homem se realiza. Topográfico porque se concretiza num lugar próprio, *topos* esse que lhe imprime determinadas características, inclusive de ordem morfológica". Daqui resulta um individuo singular que se constrói numa situação única.

Na perspetiva de Patrício e Sebastião (2004:15), o homem é um ser exclusivo no universo, dada a sua identidade única. Cada homem é uma pessoa diferente de qualquer outra e responsável por tudo que a ela diz respeito. "O homem é aquele animal que tem consciência de si, que é outro para si sabendo que esse outro é ele mesmo, que essa alteridade é a sua identidade". Para os autores é o pensamento/palavra que o distinguem da animalidade. E é esta capacidade única do ser humano que lhe permite ter a percepção da sua existência ao conhecer-se e reconhecer-se.

Apesar da grande diferença entre indivíduos, quer em termos de identidade, quer culturalmente, a espécie humana é reconhecida em qualquer parte do mundo. Para Morin (2004) a diversidade humana é resultado da trilogia resultante do ser humano como ser individual, como parte da sociedade e da espécie humana. O indivíduo possui geneticamente a espécie e preserva-a através do acasalamento, mas o mesmo indivíduo está inserido na sociedade que por sua vez também está impressa nele desde o nascimento incutindo-lhe a linguagem e a cultura.

Mas, o homem não nasce homem, nasce homem a fazer-se. Já dizia Coménio (1996:125) "Fique, portanto, assente que a todos aqueles que nasceram homens é necessária a educação, porque é necessário que sejam homens, não animais ferozes, nem animais brutos, nem troncos inertes".

A cultura assume-se assim como o instrumento da educação que vai permitir ao homem, desde que nasce, projetar-se como tal. Para Patrício (1993:141) "O homem não nasce pessoa feita; nasce pessoa a fazer e, em rigor pessoa a fazer-se." A respeito da educação Patrício (1996:144) refere que, "O homem não é, afinal quem é, pois o homem é que pode ser. O homem é a possibilidade do homem. O homem é o caminho para o homem. A efectivação dessa possibilidade, o percorrer desse caminho – é a educação".

A educação é característica do ser humano e só a sua racionalidade lhe permite receber e construir cultura. Para (Pires, 2006:35) a cultura reporta-se, de um modo geral, aos componentes simbólicos e aprendidos do comportamento humano, tais como, a língua, a religião, os hábitos de vida, e as convenções. "Sendo o oposto do instinto, é muitas vezes considerada como aquilo que distingue o homem do animal". Béji (2004:62) defende que "toda a verdadeira cultura tem por missão discernir o humano do inumano".

É um facto que quando nascemos não sabemos quase nada, somos seres desprovidos de tudo o que nos permita sobreviver por conta própria, ao contrário do que acontece com outros seres vivos. E "...se se quer saber alguma coisa, é necessário aprendê-la, porque realmente vimos ao mundo com a mente nua como uma tábua rasa, sem saber fazer nada, sem saber falar, nem entender; mas é necessário edificar tudo a partir dos fundamentos." (Coménio, 2006:121-122).

Quando nasce, o homem depara-se com natureza que lhe é dada, um mundo que se rege por leis próprias, que o homem não elaborou, leis que existem independentemente da intervenção humana. Atuando como ser racional que é, ele interpreta, altera e constrói esse mundo, cria cultura, que por sua vez enriquece, acrescenta algo à natureza. E assim passa do estado

natural ao estado cultural, que se manifesta em várias atividades, e tanto se faz sentir na própria natureza física, por exemplo, na cultura dos campos, como na cultura humana que se traduz pela criação da filosofia, da matemática, da cibernética, da economia, da física, da sociologia, da política, etc. Podemos dizer que tudo o que o homem faz, fá-lo culturalmente, desde as necessidades mais básicas até às mais belas e grandiosas criações.

O homem não é então apenas mais um ser no mundo.”Nós humanos, não respondemos apenas ao mundo que habitamos mas vamo-lo também inventando e transformando de uma maneira não prevista por qualquer pauta genética” (Savater, 2000:139). O homem faz parte dele e sobre ele atua, modificando-o. Uma atuação que ultrapassa a satisfação do instinto e que se revela na elaboração de projetos que transcendem o instintivo. Só ele possui a capacidade técnica de controlar as forças naturais, pondo-as ao nosso serviço; a habilidade para caçar ou domesticar a maioria dos outros seres vivos; a posse da linguagem e do pensamento racional; o talento para se acolher das adversidades climáticas; a previsão do futuro e as suas ameaças, preparando antecipadamente remédios contra elas; a cura de muitas doenças, e sobretudo a faculdade de utilizar bem ou mal, tantas habilidades, de usar a sua liberdade (Savater,2000). Este conceito de liberdade inerente ao homem é já pronunciado com Pico Della Mirandola, na sua obra “ Discurso sobre a dignidade do homem”. Para o autor renascentista, o homem é um ser criado por Deus ao qual foi concedida a liberdade de ser o que quiser: “Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e que possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e a tua decisão” (Mirandola, 2006:57).

O homem é assim um ser livre pois possui a capacidade de decidir o seu caminho na história da vida. Não estando confinado ao determinismo biológico como os outros seres, o homem como ser social e cultural vai-se edificando ao longo da sua existência. Segundo Savater (2003:21) “os seres humanos estão programados como seres, mas não como humanos”. Recebem com a dotação

genética a capacidade inata de levar a cabo comportamentos não inatos. Cabe ao homem auto programar-se para a humanidade.

É a família, a escola, a sociedade em que está inserido que o vai invadindo de cultura, durante toda a vida. Segundo Renaud (1989:318) “o homem realiza-se como sujeito quando atravessa e integra a dimensão de não sujeito que reina nele”, entendendo por não sujeito tudo o que é manifestação de cultura. O homem é um ser cultural.

1.3. O homem: finalidades da educação

Desde a antiguidade que a educação tem sido vista como um processo de formação humana. Percorrendo a história e analisando os contextos filosóficos verifica-se que a educação sempre foi entendida como um meio para alcançar o ideal humano apesar de, nos diferentes momentos, esses ideais não serem os mesmos. Se nos primórdios da filosofia a ética era a matriz da formação humana, na era moderna era a política e por consequência o homem social que ditava a orientação da formação do homem. Nos tempos contemporâneos a educação aponta para a formação não ética, não política, mas sim uma formação ética e política e artística e desportiva e, resumidamente, uma formação total, integral, uma “paideia”, no dizer dos gregos, do ser humano enquanto sujeito inserido num contexto social e histórico próprio. Esta formação, na cultura ocidental, significa assim a própria humanização do homem.

Segundo Monteiro (2005:37) o fundamento antropológico da educação “é a essencial educabilidade ou perfectibilidade e historicidade da Humanidade, que faz do ser humano um animal pedagógico. A educação consiste, assim, numa comunicação interpessoal e intergeracional, que é a mais profunda

comunicação humana, na medida em que se configura a identidade individual através de uma espécie de transfusão cultural, reprodutora e recriadora da identidade colectiva. As duas maiores preocupações da educação sempre foram a transmissão às novas gerações dos valores que são a alma da identidade cultural colectiva e das capacidades necessárias à sobrevivência diária das comunidades”. Na perspetiva de Durkheim, (2001:13) “a educação consiste numa socialização metódica da nova geração”. Metódica, no nosso entendimento, porque esta transmissão de saberes, de cultura, é realizada progressivamente de acordo com a maturação, apetência e necessidades do indivíduo, e realizada em contextos próprios e hierarquicamente organizados pela própria sociedade em que está inserido.

A educação também pode ser entendida como uma expressão da liberdade pois ao ser transmitida tem imperiosamente de contemplar e respeitar o conjunto de tradições e aspirações de um determinado povo. Leonardo Coimbra (In Patrício,1992:51) atesta esta ideia referindo que “num povo como num homem, há sempre uma dualidade entre a parte do carácter, que é a objectivação do passado, e a parte do carácter que é a antecipação do futuro. A educação depende da tradição mental de um povo e faz a transmissão e enriquecimento dessa tradição”.

“A educação desenvolve-se sempre entre a força da inércia que o passado lhe imprime como tradição e as contradições que, no presente, resultam da conflitualidade entre esse passado - e essa tradição – e se considera como os prenúncios de um futuro onde se projectam tanto esperanças como ansiedades e temores” (Carvalho, 2010:7). Para o autor a educação é herança e promessa. Consideramos herança na medida em que a recebemos da sociedade e promessa porque é através dela que se consegue perspetivar um mundo melhor.

Durkheim (2001) defende que a natureza da educação tem sempre um sentido singular e, ao mesmo tempo, um sentido múltiplo. Múltiplo na medida em que todos os indivíduos, mesmo dentro de uma determinada sociedade, não recebem a mesma educação. A diferença entre as classes sociais, e entre

as regiões, são exemplos fáceis de constatar. Nascer no campo ou na cidade, ou dentro de uma família de um extrato social elevado ou de uma família de baixo grau de instrução, é obviamente diferente. Mas esta educação é apenas parte de toda a educação pois todas elas têm uma base comum. De facto “cada sociedade tem para si um certo ideal de homem, daquilo que ele deve ser, tanto do ponto de vista intelectual, como físico e moral; que esse ideal é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos; que a partir de certo ponto, ele se diferencia consoante os meios particulares que qualquer sociedade compreende no seu seio” (Durkheim, 2001:12). Este é o carácter uno da educação.

Mas o que significa educar? O que é a educação e qual o seu propósito? Durkheim (2001:13) define a educação como “a acção exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda se não encontram amadurecidas para a vida social. Ela tem por objectivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de condições físicas, intelectuais e morais que dela reclamam, seja a sociedade política, no seu conjunto, seja o meio especial a que ela se destina particularmente”.

A educação distancia-nos do nível animal inculcando a um novo ser todo o legado cultural da sociedade em que está inserido. É irresistível a referência a um exercício mental proposto por Teilhard de Chardin (In Sebastião, 2008:376) que nos mostra a importância vital da educação para o homem: “tentemos retirar de nós próprios, uma a uma, as coisas que recebemos socialmente, dos objectos técnicos - dos mais elaborados aos mais elementares - aos objectos culturais, como a linguagem e as regras sociais, ao ponto de chegarmos próximo desse estado quase inconcebível que seria, face ao universo, a nossa consciência absolutamente virgem de toda a influência humana. Se o fizéssemos, veríamos que pouco de humano restaria e não estaríamos a despojarmo-nos de revestimentos superficiais do nosso ser biológico, mas, verdadeiramente, de uma parte essencial de nós mesmos”.

A cultura é assim tudo que nos é transmitido geração após geração, é tudo o que acrescentamos à natureza biológica do ser humano e que eleva o

homem acima do animal e acima de si próprio. E é esta a tarefa da educação, é esta transmissão cultural que permite transformar em pessoa o ser biológico que se é à nascença.

Vários autores que se debruçam sobre a temática educativa apresentam a sua definição de educação.

Patrício (1993:302) define a educação do homem, como “...o aperfeiçoamento deste enquanto portador de qualidade de humano”.

A educação é do e para o homem, ela faz o homem, forma-o e o constitui humano. Portanto, a formação é processo do devir humano segundo o qual o indivíduo natural se torna um ser cultural (Severino, 2006).

Educar significa “dar o Homem ao homem”, transmitindo-lhe toda a herança da cultura humana. Educar num tempo e num espaço que lhe é próprio, posicionando “o homem no cosmos, no seu tempo, nos seus problemas e necessidades”. Educar é fazer, fazer o homem em humanidade. “Realizar no homem a plenitude da humanidade que nele existe como um poder-ser. Educar é obviamente mudar. Mudar para ser, para ser mais e melhor, para crescer como pessoa em direcção ao mais alto” (Bento,1995:79).

A educação abraça o homem ao longo de toda a sua vida. Myles (2003) considera que a educação se realiza desde o berço até à sepultura. A educação acompanha assim todo o percurso existencial do homem.

Segundo Carvalho (2010:66), “Somos ser a ser, somos sendo...”, o que implica, uma aprendizagem constante “com tudo, com todos, em todos os tempos e lugares”.

A educação é assim entendida como uma tarefa para toda a vida e que tem por objetivo a busca constante do aperfeiçoamento do homem. A educação constrói passo a passo, aqui, ali e além, ontem, hoje e amanhã, a pessoa humana.

Segundo o relatório para a UNESCO, realizado pela comissão internacional sobre educação para o século XXI (1996), a educação deve estar presente durante toda a vida pois só assim será possível dar resposta a uma sociedade em constante mudança. O mesmo relatório apresenta quatro objetivos capitais para a educação: aprender a viver juntos, aprender a conhecer, aprender a fazer, e aprender a ser. O aprender a viver juntos é apresentado como o primeiro patamar das aprendizagens. De facto, sendo o homem um ser social, o aprender a viver juntos, a conhecer o outro, a reconhecer e a aceitar a diferença, a conhecer a sua história e tradições, o aprender a viver em sociedade, é uma condição basilar do processo educativo. Aprender a viver em conjunto é compreender o outro, é incitar à participação ativa na sociedade.

Aprender a conhecer fomentando o gosto pela aprendizagem e adquirindo uma cultura geral que permita a busca de mais e novos conhecimentos torna-se evidente no contexto social que vivemos. Só aprendendo a conhecer, só na procura constante do conhecimento se torna possível dar resposta às constantes mudanças dos tempos atuais.

Aprender a fazer preparando o individuo para qualquer situação do quotidiano e que facilite o trabalho em grupo é também importante na medida em que não basta saber mas também agir, realizar, pôr em prática esses conhecimentos, aprender uma profissão é uma das finalidades.

Por fim, e especialmente, aprender a ser. Numa sociedade em que tudo está em constante transformação, em que os progressos científicos e tecnológicos crescem a um ritmo acelerado, em que os meios de comunicação se tornam cada vez mais manipuladores, em que cada pessoa cada vez vive mais para si, urge desenvolver em cada pessoa humana a autonomia pessoal, a capacidade de discernimento, a responsabilidade pessoal, o sentido democrático, tendo em vista o destino coletivo.

Importa ainda salientar o sentido pluridimensional da educação. Se o homem contempla várias dimensões, a educação tem obrigatoriamente que

também ser pluridimensional. Patrício (1993) atribui sete sentidos principais à educação: a pluralidade da personalidade humana, a pluralidade da cultura, a pluralidade das metodologias educativas e de ensino, a pluralidade do currículo, a pluralidade dos recursos educativos, a pluralidade dos educadores, especificamente dos professores e a pluralidade da organização pedagógica da escola. A conjugação de cada um destes sentidos educativos resulta evidentemente numa riqueza e numa criação cultural incessante.

Para Barbosa (2010) a educação, por ele denominada de holística, é mais do que uma das tantas atividades humanas, constitui uma experiência integral de desenvolvimento pessoal, social e comunitário, que vai além da acumulação de informação, do desenvolvimento de habilidades cognitivas, o controlo da disciplina e da conduta.

Concluimos assim que a educação, por diferentes autores denominada de pluridimensional, integral, global e holística, é o caminho a traçar para que o ser humano atinja a sua plenitude, é o rumo em busca da perfeição.

Mas, é de quem a responsabilidade educativa? De todos, da sociedade. Dentro desta, da família, dos amigos, dos professores, dos treinadores, etc. Onde? Em casa, na escola, no clube, na rua, nos mais diversos grupos e contextos sociais. Todos nós temos o dever ético de participar na educação de todos aqueles que cruzam o nosso percurso de vida.

2. SOCIEDADE E EDUCAÇÃO

2.1. Sociedade contemporânea

A sociedade está em constante mudança. Desde a antiguidade aos nossos dias verificamos grandes transformações nos vários domínios que caracterizam a sociedade. A religião, a economia, a ciência, a técnica, a educação, a política, enfim, toda a cultura dos povos tem sofrido alterações ao longo dos tempos.

Vivemos hoje numa era designada de pós-moderna, de extremos, do vazio, do pós-dever também assim denominada, que se começou a delinear segundo vários autores a partir da segunda metade do século passado e, como o próprio nome acusa, deixando para trás o período da modernidade. Importa contextualizá-la para melhor compreensão do tema em questão, centrando no entanto a atenção no homem, sujeito do nosso estudo.

A modernidade é uma época marcante pelo grande avanço dos conhecimentos nos vários domínios, ao nível da ciência, da técnica, de correntes do pensamento, etc. Impôs-se com os meios de comunicação, imprensa, rádio, cinema, desporto e lazer e iniciou a globalização e a consequente banalização cultural. Caracteriza-se também por uma desfragmentação do saber em que cada área social avança em sentidos diferentes, a sociedade, também ela se encontra dispersa, personalidade, política, cultura caminham isoladas. Mas caracteriza-se também pelo consumo de massas, pelo acesso geral a bens de luxo facilitado pela introdução do pagamento a crédito. Consequentemente uma cultura hedonista começa a delinear-se.

Na conceção de Pourtois e Desmet (1999:23) “duas perspectivas marcaram profundamente o mundo moderno. São, por um lado, a

racionalização e, por outro, uma produção de saberes inaudita”, o que originou avanços extraordinários no conhecimento. A razão vence a crença no divino, na finalidade religiosa permitindo assim a erupção de uma sociedade racional em prol de todos os domínios da vida social. Esta racionalização dominaria também a vida privada criando uma separação entre o mundo objetivo (da razão) e o mundo subjetivo (da pessoa). A racionalização passa a ser o princípio único de organização da vida, quer pessoal, quer da coletiva. O progresso a nível científico, tecnológico, social é acelerado mas a razão é a ordem do dia. Nas escolas as crianças são apenas alunos e o professor é o mediador em nome do progresso, do conhecimento racional.

O homem é submetido exclusivamente à razão, e integra a sociedade em todos os papéis, exceto como um ser próprio, com uma vida própria e ator de si mesmo. O homem moderno vê-se a si mesmo e às outras pessoas cada vez mais como coisas, com as quais ele estabelece uma relação racional. Na perspectiva de Lipovetsky (1994:16) “mais não se verificou senão a transferência das obrigações superiores em relação a Deus, para a esfera humana, metamorfoseadas em deveres incondicionais para com o próprio indivíduo, para com os outros, para com a colectividade”.

Como já referido anteriormente, a sociedade pós-moderna, aceitando assim esta nomenclatura, quebrou com as amarras que a prendiam à modernidade dando vida a tendências minoritárias já manifestadas no período precedente. Como denunciar a pós-modernidade?

O avanço do processo da globalização, datado para muitos pós queda do muro de Berlim é uma marca dos tempos contemporâneos que se repercutiu em diversos níveis da vida quotidiana : na política, na economia, na cultura e na sociedade, em todas as esferas da vida social. Na opinião de Constantino (2012), a globalização corresponde na sua dimensão mais comum à livre circulação de capitais, de pessoas, de serviços e de bens, com consequências no nosso modo de viver, nos nossos comportamentos, na nossa identidade individual e social.

Lipovetsky (1989:19) descreve a sociedade pós-moderna como uma “mutação global em curso”, “uma tendência global no sentido de reduzir as relações autoritárias e dirigistas e simultaneamente de aumentar a gama de opções privadas, privilegiar a diversidade, oferecer fórmulas de programas independentes, nos desportos, nas tecnologias psi, no turismo, na desconstrução da moda, nas relações humanas e sexuais”.

Segundo Pourtois e Desmet (1999:9) “crises, rupturas, desordens, são palavras-chave que caracterizam a sociedade contemporânea”. A exaltação da mudança, a perda de sentido e de certezas, a falta de referências são, segundo os autores, características da sociedade em que vivemos.

Vivemos na era da cibernética, da internet, da conquista espacial, das energias nucleares, da informação via satélite, da clonagem, das guerras químicas. O avanço tecnológico e as descobertas científicas são noticiados a toda a hora de tal forma que já não produzem efeito de surpresa. Este célere avanço e poder da ciência tem provocado, nos dias atuais sentimentos de medo e desconfiança pois a humanidade sabe que a ciência não é ingênua, muito menos neutra, pois representa poder que pode servir a fins contrários à dignidade do homem.

Assistimos também a histórias de violência desumana, ao aumento da criminalidade, aos escândalos de violação dos direitos humanos, como por exemplo a pedofilia, à fome que drasticamente ainda reina um pouco por todo o lado. A violência selvática, as drogas, a libertação sexual, os radicalismos culturais e políticos, são características da cultura social contemporânea.

Mas, um dos fatores que marca fortemente este período é o da personalização sem precedentes. O homem que outrora vivia em função das finalidades sociais impostas liberta-se e vive o aqui e agora, em função do seu bel-prazer. Trata-se de uma sociedade que segundo Lipovetsky (1994:60) “...já não se propõe estrangular o desejo, mas que o exacerba e o desculpabiliza: o usufruto do presente, o templo do eu, do corpo e do conforto tornaram-se a nova Jerusalém dos tempos pós-moralistas”. As instituições

moldam-se às vontades individuais indo de encontro aos desejos de cada um. Os média difundem e incitam ao usufruto dos tempos livres, com efeito persuasor tal que “(...) a actividade cultural é dominada pelas indústrias da comunicação social que são capazes de apelarem directamente ao público, passando por cima das cabeças de qualquer elite cultural” (Pires, 2006:100).

Assiste-se a um consumo alienado de bens e serviços, tudo em nome da satisfação individual, do prazer, do culto do corpo, da perpetuação da juventude. Na perspetiva de Patrício (2003:163) “O consumo é, na nossa sociedade, uma embriaguez. Consome-se por mero apetite, por impulso primário incontrolado, por ilusão e ambição social. Para o autor o consumo exhibe e/ou mascara um determinado estatuto social que se quer exhibir. A estética, a higiene, as atividades desportivas, a dietética, as férias, as viagens caracterizam uma cultura onde o imperativo é a satisfação pessoal. Para Bennani (2006:31) “O mundo actual privilegiou o desenvolvimento na sua dimensão material, sacrificando muitas vezes, no altar do deus do progresso material, numerosos valores morais e espirituais”. Esta necessidade de afirmação de identidades, de exaltação da unicidade leva a moda a cortar laços com o tradicional e a investir constantemente na mudança.

Os valores hedonistas, o respeito pelas diferenças, o culto da libertação pessoal, da descontração, da expressão livre, são, segundo Lipovestsky, algumas das formas de pensar e agir da sociedade pós-moderna. “ Viver livre e sem coacção, escolher sem restrições o seu modo de existência: não há outro facto social e cultural mais significativo quanto ao nosso tempo; não há aspiração nem desejo mais legítimos aos olhos dos nossos contemporâneos” (Lipovestsky, 1989:10).

O ser humano é narcísico. “O eu como centro faz com que os sentimentos, ou as preferências de cada pessoa, passem a orientar a ação, que se tornem critérios pessoais” (Couto, 2006:77). Cada um é detentor de um mapa axiológico elaborado à sua medida. Não há uma matriz normativa orientada pela disciplina mas sim pela espetacularidade.

A subjetividade reflete-se em vários domínios da vida social: na religião, na arte, na música, na moda, no desporto e em todas as outras aqui não referidas. Cada um se exprime de acordo com a sua conduta. Surgem assim várias expressões de arte, ao sabor de quem a cria e de quem a frui. O mesmo se passa nos outros domínios, alguns já referidos. No desporto, importa salientar, são relevantes as suas manifestações. A emergência a cada instante de novas atividades físicas, os vários fins a que se propõem: formativo, terapêutico, estético, há uma oferta exaustiva para que cada pessoa se possa enquadrar. O “personal trainer” para satisfazer as necessidades e vontades singulares.

Segundo Matsuura (2006) perdemos a nossa “bússola ética”, a sociedade pós-moderna é “a época do deslizar” assim denominada por Lipovestsky (1989:14), onde nada é estável e onde tudo se apaga e desliza numa indiferença descontraída. Existe uma crise de sentidos em toda a vida social. Os valores vagueiam dependendo da vontade de cada ser humano. Cada um efetua o seu trilha por um mapa diferente.

Mas, apesar da individualidade exacerbada manifestada pelo homem da sociedade pós-moderna assistimos, no entanto, a movimentos maciços por causas sociais, ações humanitárias que os meios de comunicação tanto difundem. As lutas antidroga, antitabágicas, anti violência, de preservação do meio ambiente acusam uma consciência ética, quer individual quer coletiva. A ética está presente, não encarnado o ideal religioso tradicional nem o laico moderno, mas sim segundo Lipovestsky (1994:17,18) uma ética de “terceiro tipo”, uma ética “indolor” a “não ordenar nenhum sacrifício maior, nenhuma violência sobre o indivíduo”.

Como não poderíamos deixar de esperar, todos estes fatores se refletem no domínio educativo, as mudanças sociais implicam irremediavelmente alterações no contexto da educação. Se as pessoas são o que são é porque a sociedade as “fazem” assim, a educação é obra social. A ela cabe a tarefa de formar os seus cidadãos. Será que está a cumprir a sua missão?

2.2. O cenário atual da educação

A educação de hoje está em crise. “Crise de sentido e de complexidade. Ela é confrontada com o desafio de dar respostas às necessidades das crianças e dos adultos, que vivem num mundo caracterizado pela exaltação da mudança, por uma perda de sentido e de certezas, por uma falta de referências” (Pourtois e Desmet, 1999:19). Numa sociedade onde tudo é permitido, onde cada um vive de acordo com os seus próprios valores, onde existe uma ordem social normalizadora assente em valores hedonistas e de culto da libertação pessoal, não se estranha a presença de dificuldades no domínio da educação. Esta exige disciplina, empenho, regras, sacrifícios, difíceis de impor numa sociedade indisciplinada, sem um ideal que persiga estes objetivos. “A educação, de autoritária que era, tornou-se altamente permissiva, atenta aos desejos das crianças e dos adolescentes, enquanto que por todos os lados, a vaga hedonista desculpabiliza o tempo livre, encoraja cada um a realizar-se sem constrangimentos e a aumentar os seus ócios” (Lipovetsky, 1989:21).

A individualização está fortemente instalada na vida familiar. O casamento não é mais uma união que se preserva com dedicação. Quando o bem-estar está posto em causa desfaz-se a união com banalidade e ruma-se de encontro a uma nova relação. A noção de família está enfraquecida. Pintam-se tantos quadros familiares quanto as diferenças de cada um: famílias monoparentais, coabitação, de homossexuais, enfim. São as famílias recompostas, assim apelidadas pelos meios de comunicação social.

Também parece não haver tempo para educar. Os pais de hoje estão absorvidos pela faina quotidiana do trabalho que os leva a ausentarem-se de casa a maior parte do dia. Os filhos, depois da escola e dependendo do nível socioeconómico dos pais, vêm-se obrigados a frequentar um centro de estudos ou de ocupação dos tempos livres, ou então ficam entregues a eles mesmos. Grande responsabilidade nos tempos que correm, onde os apelos

multimédia são irresistíveis e em vários casos viciantes como as redes e as comunidades virtuais são exemplo.

A família já não tem mais poder educativo “eclipsou-se e perdeu o poder de influenciar positivamente os seus filhos” (Bento, 2010:49). Segundo o autor, já passou o tempo em que a família e a escola possuíam o papel principal na educação dos jovens. Em que ambas estavam concertadas com os mesmos intuito e finalidade educativa, em que uma era o prolongamento da outra. Muitos pais demitiram-se da sua responsabilidade na educação e responsabilizam a escola dessa tarefa. A escola, sozinha, não consegue dar resposta, tem sérias dificuldades em lidar com alunos que “não têm hábitos, rotinas, normas e atitudes de conduta e disciplina exigíveis e imprescindíveis para agir correctamente no reduto escolar” (Bento,2010).

A sociedade de hoje também não ajuda os pais na criação de limites e na educação para os valores. Ao promover, a todos os níveis, a expressão de um individualismo exacerbado, ao fomentar uma cultura narcísica e a permanente superação, não fornece o contexto adequado ao sentir do outro. “Cada um se quer reconhecer sempre livre e deseja viver para si mesmo, portanto não há disponibilidade psíquica para corrigir, para ajudar a perceber o que está certo e errado, o que se deve ou não deve fazer” (Sampaio, 2011).

Segundo Bento (2010) estamos numa sociedade cujos modelos promovidos e premiados não são os das grandes virtudes e atitudes morais, onde os cidadãos, que são dados e adulados como exemplo de sucesso, nem sempre acedem a este pelos meios mais sérios e honestos. Uma sociedade que premeia o facilitismo, cujo ideal não prepara para o sacrifício, para o trabalho, para a responsabilidade, dificulta o envolvimento, o compromisso dos alunos com a aprendizagem.

A escola obviamente reflete toda esta cultura social vigente. O poder educativo da escola trava na atualidade uma batalha com um ideal social que em nada se assemelha ao que imperiosamente deve vigorar numa instituição escolar. É uma tarefa difícil incutir regras quando o que acontece quando se sai

do portão da escola, é elas não existirem. Quando falamos de regras queremos também referir os comportamentos, atitudes, rotinas, horários, empenho, trabalho, disciplina, uma série de imperativos necessários às atividades escolares.

A educação altamente permissiva com que a maioria dos pais educa seus filhos não lhes impõe regras, limites, obrigações e sanções. Muito pelo contrário, negociam-se deveres em troca de bens materiais. Não é incutida responsabilidade nem respeito pelas normas escolares, pelos colegas, pelos funcionários nem pelos professores. Os inúmeros casos de bullying que são noticiados, mais aqueles de que não se fala, provam que vivemos numa sociedade onde os valores morais estão adormecidos, onde reina a lei do mais forte. Uma sociedade onde salienta Bento (2010:27) "... celebra e recompensa os espertos e videirinhos, os hipócritas e falsos, os habilidosos e desonestos, sem carácter e honra e sem escrúpulos na cara e na consciência".

A competência e autoridade dos professores está socialmente desacreditada, resultado das recentes políticas educativas. Os pais constantemente põem os professores em causa dificultando assim a sua capacidade de liderança.

O facilitismo instalado nas instituições escolares também em nada contribui para uma educação em valores. Um facilitismo que premeia a falta de empenho, de trabalho, de investimento, de educação e, que como se não bastasse, penaliza os professores. Um facilitismo imposto aos docentes em nome de uma boa avaliação docente e escolar, resultado das políticas educativas atuais que apenas valorizam os diplomas em detrimento do seu valor educativo. Uma política educativa que no nosso entendimento em vez de formar, deforma os nossos jovens. Uma política educativa que tem vindo a desacreditar a carreira docente num momento em que dela é exigível quase tudo. O professor é o faz tudo: é professor, educador, animador, psicólogo, terapeuta familiar e assistente administrativo, não tendo tempo para centrar a sua ação no cerne da função educativa.

O homem e, conseqüentemente a sociedade, a educação e a escola estão em crise. O ambiente educativo, em todas as esferas sociais está fragilizado, fruto das transformações sociais vigentes. Trata-se de uma crise de valores pois cada um trilha o seu caminho com base em valorações subjetivas. Não há uma norma social que assente em valores que conduzam à plena formação humana.

Acreditamos que a resposta a esta crise de valores esteja na escola. Uma escola que olhe mais para cada ser humano como uma aposta nas suas potencialidades. Uma escola que dirija a sua ação para a construção plena do ser humano, de cada ser humano. Uma escola que aponte ativamente para uma educação em valores individuais e coletivos, uma escola criadora de humanidade.

2.3. Os valores humanos – no horizonte da excelência educativa

Quando falamos em educação inequivocamente estamos a referir-nos ao homem. Nenhum homem o é sozinho. Diz-nos Savater (2000:191) que “Ninguém chega a tornar-se humano se está só: tornamo-nos humanos uns aos outros”. O meio natural, o seu habitat é a sociedade. O homem faz-se pelo homem, pela educação que lhe é transmitida. A educação deve abarcar todas as dimensões humanas pois só assim cumpre plenamente a sua tarefa. O homem é um todo e a educação deve responder a ele por inteiro, abarcando as várias manifestações culturais.

Como refere Patrício (1993:20) “ não há educação onde não há referência intrínseca aos valores. O compromisso educativo não é possível fora

do compromisso com os valores”. Educar em valores significa humanizar o homem.

O compromisso educativo objetiva-se em três grandes domínios: o saber, diretamente relacionado com o conhecimento; o saber fazer, relativo à dimensão prática do conhecimento e o saber ser que representa o domínio ético, das atitudes e valores, da conduta moral. A importância inequívoca da conduta moral prende-se com o nobre objetivo de educar no sentido de incutir e preservar a humanidade. Trata-se de desenvolver em cada ser o humanismo prático ou moral ou, segundo Kant a consciência moral ou razão prática, uma razão aplicada à ação, à prática, à moral. Trata-se de agir humanamente e para a humanidade. A humanidade é um valor que nos é transmitido e que impõe a cada ser humano um certo número de deveres e interdições. Salienta (Sponville,2001:118) que “A humanidade não é uma essência. Que deveríamos contemplar, nem um absoluto, que teríamos de venerar, nem um Deus que teríamos de adorar; é uma espécie, que temos de preservar, uma história, que temos de conhecer, um conjunto de indivíduos, que temos de reconhecer, e finalmente, um valor, que temos de defender”.

O homem é um ser que atua, é um ser que age, que transforma, que inventa, que cria. A ação é uma necessidade vital do ser humano, não é uma opção, a vontade orienta as suas ações. Segundo Savater (2003:32) “ Actuar é em essência escolher e escolher consiste em conjugar adequadamente conhecimento, imaginação e decisão no campo do possível”. Os valores humanos são a bússola ética, os guias da ação humana, uma ação criadora de humanidade. “A pessoa é o lugar de manifestação e realização dos valores” (Patrício, 1993:278).

Giovanni Pico Della Mirandola no seu “discurso sobre a dignidade do homem” salienta a capacidade auto criadora do homem “Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo que há no mundo. Não te fizemos nem celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido (2006:57). O homem é um ser livre,

tem liberdade de escolha, tem preferências. Importa encaminhá-lo no sentido de uma vida autónoma e responsável, inculcar-lhe a humanidade, os valores que dela reclamam.

Por valores humanos entendemos as qualidades ou significados que o ser humano atribui à realidade por meio de impressões e juízos manifestados através da consciência moral. Esta consciência moral representa a atividade ou relação axiológica que indica a vivência humana dos valores. Os valores correspondem a maneiras de ser ou de agir reconhecidas como desejáveis. A liberdade individual permite que cada pessoa hierarquize os seus valores processando-se assim a identidade de cada ser humano. “Os valores influenciam decisivamente a nossa existência. São a nossa autodefinição como pessoas: podemos considerá-los como uma escala de prioridades, uma preciosidade, que as pessoas reconhecem e optam por suas valorações” (Couto, 2006:51).

O homem, salienta Patrício (1993), é um animal axiológico, o homem imana de si a vontade de aprender que por si só é um valor. O homem é um valor em si mesmo e pauta-se pela vontade de querer ser mais e melhor. A educação é um valor que tenta levar ao cume as potencialidades que integram cada ser humano. A educação é um valor geral, aglutinador de vários valores que a compõem. Na linha de conceção do autor citado sustentamos a necessidade de uma educação em valores práticos, hedonísticos, estéticos, lógicos, religiosos, éticos, e vitais. Todas estas dimensões parecem, de facto, abranger toda a dimensão humana, e a sua categorização útil do ponto de vista educativo, daí a nossa opção. Assim é relevante uma breve reflexão acerca de cada um dos valores para melhor compreensão da sua importância no processo educativo, reflexão essa à luz da conceção de Patrício (2003).

Começemos por referir os valores práticos pois é neles que se realizam todos os outros valores. O homem é um ser prático, ele age, constrói, transforma, inventa. Toda a atividade humana culmina na ação, o próprio pensamento é, segundo o autor uma prática de pensar. “Pensar é transformar a realidade da consciência” (Patrício, 1993:102). A vida humana é um facto,

uma experiência concreta em que não separa o que se pensa do que se faz. Partindo do princípio de que o que se pensa seja a teoria e a prática seja o culminar dessa teoria podemos deduzir que ambas são inseparáveis e que a segunda é o culminar da primeira. A ação humana realiza-se em todos os valores. Então, a prática, a ação é um meio, um instrumento de realização desses valores. Importa desenvolver no ser humano uma consciência ética nas ações que realiza no seu dia-a-dia.

Os valores hedonísticos são os que estão os que estão ligados ao prazer e que se assumem particularmente relevantes se tivermos em linha de conta os valores sociais vigentes. Se recordarmos o culto individual, a busca permanente do prazer e da satisfação pessoal em que vivemos, obviamente que a educação axiológica deve dar especial atenção ao valores hedonísticos. O prazer é sentido através dos sentidos, através do movimento, através do corpo, do sexo, da mesa e, hoje muito em voga pelos adolescentes, pelas substâncias aditivas, o álcool e as drogas, entre outros. São os comumente designados de prazeres do corpo, diferentes dos prazeres intelectuais e espirituais que são os éticos, os estéticos, os religiosos e os lógicos. Estes prazeres traduzem-se respetivamente na vivência do bem, da beleza, da crença e recompensa divina e da verdade. Na educação o prazer assume particular importância. Sabemos o quanto é fastidioso aprender e ensinar sem este valor presente. Cabe ao educador promover um ensino que vá de encontro à realidade e às expectativas dos seus alunos através de estratégias e metodologias diversificadas. Deve também ser sua tarefa o confronto com o não prazer, com a dor, com o castigo a fim de conduzir a uma conduta íntegra da procura do prazer, de aliança entre a ética e o prazer.

Os valores estéticos referem-se à beleza, na sua reflexão, criação e fruição. Estes aspetos são indissociáveis pois só assim é possível a verdadeira e plena formação estética. Refletir sobre o belo sem o fruir ou criá-lo sem reflexão é obviamente uma ação incompleta em termos educativos. A educação pela estética invoca as sensações que abrem caminho à sensibilidade e consequente acesso à fruição da beleza. O universo das obras

de arte constitui o produto final e concreto da beleza. Segundo Patrício (1993:118) “...a Beleza é a Verdade no seu Esplendor”, constituindo-se como um acréscimo à verdade.

Do ponto de vista educativo é essencial formar e aperfeiçoar a sensibilidade para que se abra caminho à fruição da beleza. É importante o contacto com o universo da arte que frequentemente se constitui como um fator socializador. O desporto, a música, o teatro são, no meio escolar, exemplos dessa vertente integradora. Interessa ainda salientar o carácter estético do desporto que se tem vindo a desenvolver nos últimos anos. O culto do corpo associado ao desporto e às atividades físicas é marcado quer pelas atividades novas que a todo o momento emergem e cujo objetivo primordial é esculpir e ostentar o corpo, quer pelo vestuário exibido pelos praticantes a evidenciá-lo. A estética está presente no desporto como um valor inalienável e que por isso assume a sua elevada contemplação no processo educativo.

Os valores lógicos representam o conhecimento e a verdade, esta entendida como sinónimo de realidade. Os valores lógicos devem ter em consideração o sujeito, a sua verdade individual. Nesta perspetiva a educação tem como pressuposto a liberdade. Educar à luz deste princípio implica respeitar cada ser individual e elevá-lo ao conhecimento tendo em conta a sua realidade pessoal. A finalidade educativa é elevar o aluno de um estado de não conhecimento para o de conhecimento, de não saber para o saber, de não ser para ser pois “ só o aperfeiçoamento contínuo do homem lhe permite o acesso contínuo à verdade” (Patrício, 1993:135).

Os valores religiosos exprimem-se nas experiências religiosas e apresentam-se como uma ligação profunda e envolvente do homem com o sagrado. Sempre que o homem entra em contacto com o sagrado (o divino, o transcendente) estamos perante um tipo particular de experiência religiosa. As referências religiosas determinam o comportamento das pessoas tanto no respeito das leis e das normas de conduta, pessoal e social, como no que respeita às virtudes, aos comportamentos familiares e sociais. Exprimem-se na fé, na justiça, na partilha, no perdão, na verdade e no amor ao próximo. No

objetivo educativo de fazer ser os valores religiosos são assim importante contributo da formação humana.

Os valores religiosos estão intimamente relacionados com o meio social e familiar em que o ser humano está inserido. Quando os alunos chegam à escola já trazem inculcada uma opção religiosa. A educação em valores religiosos deve respeitar a devoção de cada aluno partindo sempre do princípio que qualquer que seja a opção o seu princípio está direcionado para o bem. “ À escola, e consequentemente aos educadores, corresponde à conduta ética de respeito aos preceitos religiosos, dando oportunidade de expressão, sem doutrinação ou catequização” (Couto,2006:56).

Os valores vitais como o próprio nome sugere reportam-se à vida. Este é o valor supremo que todos devemos valorizar. A sobrevivência e a continuidade da espécie humana são princípios basilares da humanidade. Os valores vitais traduzem-se assim na sobrevivência. Dentro destes, a alimentação assume-se obviamente como o valor superior na medida em que ninguém sobrevive sem se alimentar. A aprendizagem, o vestuário, o trabalho são também valores vitais para que o homem se integre socialmente. O homem pensa, transforma, atua, o homem vive. Toda a sua ação, toda a sua vida se encontra em constante relação com os demais valores. Tudo o que o homem faz “ Fá-lo sempre axiologicamente, ou seja, dá valor ao que representa, ao que sente e ao que faz” (Patrício, 1993:302). A educação deve assim cumprir a sua missão no respeito pela vida e por ações de conduta humana que a valorizem e preservem.

Por fim, os valores éticos. Ética e moral são dois termos que por vezes são usados com o mesmo significado. Compartilhámos do entendimento de Patrício (1993) que após análise de vários autores assume que a ética diz respeito ao reino dos valores éticos, aos princípios, às normas, a um ideal de comportamentos, e a moral à prática desse mesmo ideal, aos comportamentos concretos, à vivência dos valores éticos, à conduta moral, aos costumes de uma determinada sociedade. Em síntese, podemos dizer que a ética é o estudo da “moralidade do agir humano” (Araújo,2010:23)

Os valores éticos ou morais são constituintes da educação ética ou moral e a sua transmissão assume-se, quanto a nós, como a função primordial do educador/professor na educação axiológica. Os valores éticos reportam-se à ideia do bem, do correto, do certo. Educar é fazer ser, é humanizar, é personalizar o ser humano. Os valores éticos são os pilares da formação humana, do ser e do fazer ser. No pensamento de Araújo (2010:24) é a partir da descoberta do outro que a ação do homem deixa de ser uma mera atividade espontânea, natural, biológica e passa a ser uma ação de natureza axiológica, pois “é na e pela intersubjectividade que, quanto a nós, ocorre e se explica a dimensão ética do agir humano, na medida em que a vontade do ser humano, após prévia reflexão em torno das possibilidades, dos motivos, dos valores, dos fins e das consequências de agir neste ou naquele sentido, se confronta forçosamente com o que significa decidir e agir correctamente”. O bem é o objetivo da pessoa ética, uma postura que funda todas as outras. A relação ética é uma relação altruísta, de querer bem ao outro. Reflete acerca do que se deve fazer numa perspetiva coletiva e não puramente individual. Enquadramos este pensamento com o de Sponville (2001) quando discorre acerca do humanismo prático ou moral. Para o autor este conceito consiste em atribuir valor à humanidade, de impor face a qualquer ser humano, um certo número de deveres e interdições perante o outro. É este imperativo ético que se deve ser cultuado no ser humano, o agir com uma consciência moral orientada pela vontade autónoma do bem querer, do agir humanamente.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos estão expressos os direitos e os deveres do ser humano perante o próximo, perante a humanidade, trata-se de um ideal ético normativo e universal. É por uma ética universal, absoluta, imune à modas da sociedade contemporânea que se deve pautar a conduta moral do ser humano.

A educação ética deve investir numa conduta moral edificada sobre os conceitos de liberdade, autonomia e responsabilidade. A ética é um guia da ação humana. Cada pessoa é autónoma na realização das suas ações, é o seu sentido ético que lhe estabelece prioridades baseadas na sua hierarquia de

valores. É-se ético quando a conduta moral se baseia numa reflexão crítica, racional e autónoma e não por demandas exteriores. A liberdade individual é a base de edificação destes valores. Assim sendo, a educação ética deve ser orientada para a pessoa concreta e no concreto da situação. Uma educação que deve ser orientada por um trabalho de reflexão sobre as ações de cada indivíduo no seu dia-a-dia. Uma educação que deve atravessar todos os espaços educativos e não estar apenas confinada ao recinto escolar. Cada pessoa traz consigo uma história de vida que lhe é própria, um ideal de comportamentos emanados da família, da religião. Uma educação em valores éticos pressupõe uma atitude reflexiva, racional, crítica e consciente no confronto entre conduta moral individual e os princípios éticos normativos.

Uma educação plena, que corresponda na íntegra às necessidades e aspirações do ser humano deve percorrer todas estas categorias de valores que inequivocamente correspondem às várias dimensões humanas. Na verdade, à luz dos valores práticos, cada homem é um ser que atua sobre o seu meio, interpreta, projeta, inventa, recria, constrói. É um ser em ação manifestando-se esta sobre todos os outros valores. É um ser estético, que preza este valor, no culto pelo corpo, pela natureza, pela arte, enfim pela beleza que o rodeia. É um ser que busca o prazer em todas as suas manifestações, desde as que satisfazem as suas necessidades mais básicas até às mais rebuscadas e inauditas. É um ser que crê. Crê no divino, no transcendental, que manifesta uma fé que se para muitos só a exteriorizam em horas de agonia, outros pautam a vida conducente com os mandamentos que dela emanam. É um ser racional, que conhece, que produz conhecimento nas mais diversas áreas com o sentido de alcançar a verdade. É um ser único, singular. Tem uma vida própria que conduz de acordo com a sua consciência ética herdada e edificada no meio social. É um ser vivo. A vida, o valor mais precioso que deve preservar. E fá-lo, em estreita dialética com todos os outros valores.

Os objetivos educativos instituídos nos domínios do saber, do saber fazer e do saber ser só serão reveladores de uma verdadeira missão educativa

se, em todos eles estiver contemplada a educação em valores, em todos os valores. Em todo o exercício de ensinar e aprender, em toda a ação educativa deve existir o apelo forte aos valores numa relação de respeito entre o que o educando já é e o que se pretende que venha a ser, o aperfeiçoamento das suas potencialidades, o seu aperfeiçoamento enquanto ser humano.

Podemos dizer então, que o intuito mais nobre, mais valioso da educação é o aperfeiçoamento do ser humano, do educando. É elevá-lo ao cume das suas potencialidades de ser, o que significa conduzi-lo rumo à excelência humana. Para Patrício (2008), a excelência humana é a qualidade de ser, de ser o melhor que se pode ser, é o expoente máximo da potencialidade de ser. O conceito de excelência remonta à cultura grega clássica com a emergência concetual do termo “areté”, que significava a virtude do homem manifestada no campo da sabedoria e da conduta moral. A mais alta “areté” humana significa o ideal educativo da época, a “paideia”, um ideal centrado na formação espiritual do homem.

Situados na atualidade podemos dizer que a nossa “paideia” educativa é a excelência, esse deve ser o objetivo a perseguir pela educação. Acreditamos que o caminho para a excelência humana seja a educação quando carregada de valores que correspondam a totalidade da dimensão humana. A contemplação sempre presente dos valores axiológicos mencionados é a chave para uma educação plena. Só uma educação de excelência poderá elevar o sujeito à sua máxima potencialidade de ser. Como refere Patrício (2008:294) “A exigência do fazer bem feito parece, pois, ser o segredo da educação. A grande regra do educador só pode ser esta: educar bem. A qualidade, a excelência, é uma exigência intrínseca à educação”.

2.4. Papel da sociedade na construção do ser humano

A relação educativa que existe entre o homem e a sociedade é profunda. O homem, cada homem é um “produto” social, é fruto da cultura que recebe ao longo da sua vida. Mas, esta relação não é unidirecional pois, compete também ao homem a produção de cultura. Salientamos, a título de exemplo, as descobertas científicas que por vezes são realizadas e que alteram drasticamente determinados comportamentos sociais, a própria vida das pessoas. Portanto, podemos dizer que tanto a sociedade como o homem, cada pessoa humana têm responsabilidades sociais, um para com o outro.

Na perspetiva de Azevedo (2010) a crise económica instalada, a desorientação dos dirigentes políticos, o crescente aumento do desemprego, a instabilidade profissional, o aumento da insegurança, as más condições de vida, a fome, a violência e o desapego nas relações familiares e sociais traçam o atual e perturbador contexto social que suscita dúvidas e receios em tempos vindouros. Urge pensar em formas de agir solidárias que evoquem o bem social, outras formas de viver em comum e em paz.

Segundo Pourtois e Desmet (1999:13) “Pensar a educação hoje, é ser confrontado com questões simultaneamente psicológicas, culturais, económicas, sociais e simbólicas, cujas componentes são plurais e frequentemente contraditórias, sendo a finalidade última a procura de formas de liberdade, da igualdade, da solidariedade, da dignidade e do bem-estar”. Na linha de conceção do autor citado, a função educativa da atualidade deve assumir uma importância acrescida para fazer frente às necessidades dos dias de hoje. Investir na construção de cada ser humano com o objetivo de formar pessoas com identidades sólidas, autónomas, responsáveis e aptos a assegurar papéis sociais deve ser um compromisso social e não apenas circunscrito à dimensão escolar. Como esplendidamente refere Bento (2010:28) “Formados, não formatados, para serem homens livres e superiores

à baixeza dos instintos, à manipulação e alienação e para exibirem e irradiarem um elevado índice de estética e nobreza de traços no modo de ser e estar, no saber, no carácter, na convivência, na cidadania, na cumplicidade e solidariedade. É este o maior objectivo da sociedade, o mais difícil de alcançar; é nele que se devem rever e convergir o labor da educação e os seus diferentes sujeitos”.

No centro da atividade educativa está a pessoa humana, uma pessoa única com uma dignidade inalienável e inviolável, que está acima e antes de qualquer enquadramento institucional ou função social. Segundo Azevedo (2010:14) “A educação é essa ‘arte’ de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que nasce incompleta e só se desenvolve verdadeiramente na medida em que dá lugar ao outro e este o desoculta solidariamente e convoca a desabrochar a humanidade indizível que o habita”. As aprendizagens escolar e social traduzem-se assim em “...percursos de personalização, construídos na alteridade, itinerários de irrupção de cada um no confronto livre com os outros, em dinâmicas sociais de interdependência, de cooperação, de respeito e de liberdade”.

Numa sociedade que se exprime pelo exacerbo do individualismo, pela indiferença do bem público, pela desagregação do sentido do dever, pelo primado do aqui e agora, pela desresponsabilização social, por toda uma cultura que não fomenta uma conduta ética normalizadora que institua o bem social e o respeito pela dignidade humana torna-se imperioso “reinventar a arte do encontro humano” (Baptista,2010: 90).

Todas as entidades sociais são responsáveis pela formação do ser humano. À família, à escola, à igreja, ao clube, se exigem responsabilidades educativas que contribuam para a formação humana. Diz-nos (Savater,2000:195) que “Ninguém chegaria à humanidade se outros não lhe contagiassem a sua, já que tornar-se humano nunca é coisa de uma só mas tarefa de vários”.

Mas não é só responsabilidade da sociedade formar o homem, essa responsabilidade é partilhada pelo próprio homem, por cada um de nós. Também ele tem deveres para com o seu habitat natural, para com a humanidade. A responsabilidade individual de cada um de nós, perante o coletivo será orientar toda a nossa ação por "...valores que no âmbito da acção real e concreta suscitam a adesão da vontade humana a fim de proporcionarem livremente o aperfeiçoamento da existência individual e social, conduzindo assim a um combate permanente em prol da Dignidade" (Araújo,2010:34).

Debrucemo-nos especificamente sobre o professor, ele que é o profissional educativo por excelência, a chave do funcionamento eficaz e qualitativo do sistema de ensino. Segundo Patrício (1993) os deveres profissionais dos professores são de várias ordens: relativos ao ensino, à educação, à comunidade, à família, à instituição escolar e, por fim, relativos ao educando na sua qualidade como pessoa. Sendo o tema do presente estudo conceber a escola como uma oficina de humanidade, importa salientar o papel específico do professor relativamente aos educandos.

O professor é o "mister" do sistema educativo escolar. Mas antes de tudo é um ser humano e como ser humano que é tem o dever primeiro de respeitar integralmente o educando como pessoa humana. E como ser humano que é não deve apenas ensinar o que lhe é específico da sua profissão mas também o que contém em si de mais valioso, a humanidade. Segundo Monteiro (2005) o professor mais do que funcionário do saber é profissional do ser e, ser ou não ser profissional da educação é uma questão de ciência, consciência e excelência.

O professor que se compromete verdadeiramente com o ato educativo é o professor cultural, que perspectiva e guia a sua conduta educativa com o nobre objetivo de educar visando potenciar a capacidade de ser em cada educando, com vista à perfeitibilidade humana. Para assim ser, o professor deve olhar e ver o aluno como um todo, atendendo às suas várias dimensões e aspirações humanas e não apenas como um simples aprendiz de

conhecimentos e práticas científico-técnicas. Antes do aluno está o ser humano que importa contextualizar no tempo, no espaço, na sociedade, na sua história de vida. É imprescindível atender à singularidade de cada aluno, perspetivando uma educação que articule a liberdade de ensinar com a liberdade de aprender. Só indo de encontro ao aluno concreto é que se concretiza a plena educação. É necessário que o aluno assuma um papel ativo no seu processo formativo, para isso há que fomentar o gosto pelo saber, pelo querer fazer mais e melhor pelo querer ser mais e melhor. Já dizia Coménio (2006:173) "assim também o professor, antes de se pôr a instruir o aluno à força de regras, deve primeiro torná-lo ávido de cultura, mais ainda, apto para a cultura e, consequentemente, pronto a entregar-se a ela com entusiasmo". O ser humano tem impregnada a vontade de aprender, ao contemplar a individualidade de cada aluno, o professor está a alimentar essa vontade de autorrealização, de investimento no seu processo de formação, a vontade de ser.

A educação orientada para a arte de saber-fazer-ser remete-nos diretamente para o campo da axiologia, especificamente para o reino dos valores. A educação ética pressupõe que o professor, na sua interação com os alunos, exalte o humanismo, a moralidade do agir humano.

Segundo Araújo (2010) realçar o valor do ser humano é o horizonte ético cuja finalidade se manifesta não apenas na construção de uma imagem moral da vida humana, mas igualmente na determinação de propostas concretas para o desenvolvimento integral do aluno. Araújo (2010) defende que a educação ética pressupõe um ensino que conduza à liberdade racional do aluno. Devem ser delineadas estratégias e metodologias que impliquem uma análise das circunstâncias em que tem lugar a conduta do educando e, essencialmente, um exame crítico da experiência íntima de valores e dos ideais donde será traçado o projeto de uma existência liberta de alienações, desajustes e orientada por uma ordem justa.

A educação em valores realça o valor humano e pressupõe elevar o educando a uma constante reflexão sobre a conduta pessoal e social. Ao ser propiciada uma cogitação sobre a ética é possível ao professor projetar seres

humanos responsáveis, autónomos e com uma vontade livre de aspirar ao que é verdadeiro, bom, correto e certo.

Acreditamos que o valor da ética é o pilar do reino dos valores e que uma educação primada por este valor é conducente à formação de seres humanos que compreendam e encarnem o valor humano e que orientem a sua vida por uma conduta digna onde a exaltação do humanismo seja uma constante.

3. A ESCOLA

3.1. Conceitos e finalidades

“Escola é

... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,

Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente

Gente que trabalha, que estuda

Que alegra, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente,

O professor é gente,

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um se comporte

Como colega, amigo, irmão.

Nada de ´ilha cercada de gente por todos os lados´

Nada de conviver com as pessoas e depois,

Descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,

É conviver, é se ´amarrar nela´!

Ora é lógico...

Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se, ser feliz.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo”.

(Paulo Freire)

A escola é uma instituição, um espaço de relações humanas. Cada escola é única, fruto da sua história particular, do seu contexto e identidade da comunidade educativa, da filosofia educativa e dos seus intervenientes. Como lugar de pessoas e relações, é também um lugar de representações sociais. A escola é uma instituição histórica e socialmente criada passível assim de ser transformada ao sabor do tempo e dos contextos sociais.

Azevedo (2010) refere que as escolas são preciosas instituições da comunidade local ao serviço da educação escolar, são organizações com uma missão educativa específica e, por isso, entrelaçadas com outras instituições da comunidade (famílias, autarquias, associações culturais, bibliotecas, museus, centros de saúde, jornais,...) em prol do bem comum, em especial em prol de uma educação de qualidade de todos os cidadãos.

No entendimento de Patrício (1996) a escola desempenha, nas sociedades contemporâneas, um importante conjunto de funções: a função pessoal, a função social, a função cívica, a função profissional, a função cultural, a função de suplência da família. Pela função pessoal trata-se de elaborar trajetos de vida individuais que conduzam cada educando a manifestar as suas máximas potencialidades como ser humano. Pela função social objetiva-se a integração do educando na sociedade a que pertence preparando-o para a participação ativa, responsável e competente na vida social. A função cívica pretende dotar o educando de conhecimentos acerca das estruturas institucionais dos padrões comportamentais da dimensão política da sociedade a que pertence, levando-o a agir em conformidade com as normas da vida social. A função profissional visa formar o educando para que futuramente integre na vida produtiva social indo de encontro à sua satisfação pessoal e ao bem social. Pela função cultural pretende-se que o educando seja detentor do património cultural ao qual pertence e que a partir dele e com a sua contribuição pessoal seja capaz de o enriquecer. A função de suplência da família, que nos dias atuais se torna premente, visa a oferta de atividades educativas enriquecedoras durante o dia em que estão fisicamente afastadas dos pais.

É na escola que se concretiza o direito à educação, uma educação que privilegia os processos educativos que tenham como objetivo formar cidadãos, que não discrimina, que promove o diálogo, a solidariedade, o respeito mútuo, a tolerância, e, sobretudo, a autonomia e a emancipação dos jovens. É nela que se objetiva uma formação orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade. A escola é a casa da educação integral, nela mora o conhecimento, tanto formal quanto informal, é um espaço onde o aluno é o sujeito, o protagonista de toda a ação educativa. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser, são os quatro pilares da e para a educação, definidos pela UNESCO e pelos quais a escola deve pautar a sua conduta. Na perspectiva de Ahlert (2007:7) estes pressupostos são “o princípio fundamental da emancipação universal, para que se evite o perigo permanente de reduzir a educação à pura instrução, destinada a preparar funcionários eficientes da formação social vigente e não pessoas capazes de um posicionamento crítico frente à facticidade que as marca”.

Coménio (2006:145), na defesa de uma escola que ensine tudo a todos e referindo-se aos objetivos de formação na escola, dizia “pretendemos apenas que se ensine a todos a conhecer os fundamentos, as razões e os objectivos de todas as coisas principais, das que existem na natureza como das que se fabricam, pois somos colocados no mundo, não somente para que façamos de espectadores, mas também de actores”. A escola é de e para todos. A educação é um direito universal e a escola, palco da sociedade, é o local por excelência que prepara os jovens para a vida ativa, que se pretende que forme cidadãos responsáveis, autónomos, conscientes e participativos numa sociedade que também é deles.

A escola é o coração do sistema educativo, é um mundo de aprendizagens, é um organismo vivo em constante desenvolvimento e norteadada pela finalidade de educar. Segundo Patrício (1996:126), “É na escola que as crianças e os jovens são reunidos para cumprirem o programa educativo formal que a família, a comunidade e o estado consideram essencial ao seu

aperfeiçoamento pessoal e à satisfação das necessidades de sobrevivência e desenvolvimento da própria família e da própria sociedade”.

A escola é educação mas a educação não é apenas escola. A educação é um processo muito mais abrangente que vamos assimilando ao longo da vida e em todos os contextos sociais. A escola, chamada por vezes de cidade educativa, é um espaço privilegiado de acesso à educação que tem como meta a disseminação do conhecimento sistematizado e historicamente acumulado. Um conhecimento planeado a longo prazo com conteúdos devidamente especificados e hierarquizados numa sequência lógica de grau de complexidade, que só a escola pode desenvolver. O acesso a este conhecimento é, na perspetiva de Tani (2007:279), “...condição indispensável para qualquer cidadão exercer a cidadania, gozar de inserção social desenvolver-se e obter uma visão menos mítica, folclórica e dogmática do ser humano, da sociedade e do mundo. Enfim, ser um cidadão autónomo, crítico e participativo”.

Não sendo, nos tempos contemporâneos, a escola detentora do monopólio da educação, nela se objetiva, no entanto, o processo de formação das crianças e jovens. O desenvolvimento físico e motor, o desenvolvimento cognitivo, o afetivo, o estético, o social e o moral são alguns dos objetivos gerais consagrados no artigo nº2 da Lei de Bases do Sistema Educativo.

É à escola que os pais, cada vez mais absorvidos pela faina quotidiana, entregam seus filhos alimentando a esperança de nela se tornarem cidadãos responsáveis, participativos e críticos para atuarem numa sociedade democrática. Patrício (1996:72) define a escola como “um sítio, uma casa, um altar da humanidade, onde pulsa, impera, se cultiva e cultua a exigência do alto e da qualidade. O pai mais modesto e iletrado manda o filho para a escola na convicção de que ela é esse templo”.

Mas, como já vimos, a escola de hoje não é a mesma de outros tempos. O tempo não é o mesmo, a sociedade pauta-se por outros valores, a escola reflete-os. Citando Garcia, (2011:18), “vivemos num mundo onde persiste uma enorme desorientação axiológica”. A família e a escola já não se concertam no

mesmo propósito educativo. Bento (2010), refere que a escola perdeu a atracção e que é indesejada e encarada com hostilidade porque ela assenta em disciplina, trabalho, sacrifício, deveres, regras, limites, rotinas, controle, estudo, concentração, etc., o que não se ajusta a um ambiente social que tudo promete e consente de maneira leviana e fácil. A escola passa a ser o espaço onde se encontram e se refletem todos os conflitos e todas as contradições das sociedades e das famílias.

3.2. Por uma escola cultural

“O que é a escola cultural? É a que vive impulsionada, desde o seu âmago, por uma poderosa intencionalidade cultural. Essa intencionalidade cultural deve habitar o coração da própria dimensão curricular. Deve, depois e por cima, concretizar-se na dimensão extracurricular. O currículo estrito não chega”.

(Patrício, 1996)

A escola é encarada como a casa da educação e da cultura. Segundo Carvalho (2010), a educação é a tentativa de sermos, sermos enquanto pessoas, cidadãos, com dignidade e plenitude. A educação é uma questão de transmissão de um património comum, de inculcação de cultura. Esta cultura oferece valores e regras de conduta. A escola deve percorrer estes objetivos.

Atualmente há unanimidade em considerar a educação como um meio de socialização e de promoção do desenvolvimento individual, uma educação que deverá estar presente ao longo da vida. Os sistemas educativos norteados

por um contexto histórico, social e cultural mais amplo ilustram os valores que orientam a sociedade e que esta pretende transmitir. É neste sentido que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspetos, transversais, que caracterizam a escola como instituição.

Assim, a escola tem como função social sistematizar e divulgar os conhecimentos historicamente elaborados e partilhados por uma determinada sociedade. Por isso, os processos educativos em geral, e, principalmente, aqueles que ocorrem no seu interior, traduzem-se em dinâmicas de socialização da cultura. Sendo a educação um processo contínuo que acompanha, assiste e marca o desenvolvimento do indivíduo, e que envolve a preservação e a transmissão da herança cultural, rapidamente se deduz a importância que o sistema educativo, em geral, e a escola, em particular, assumem na socialização e transmissão da cultura.

Segundo Patrício (1993), a cultura é a objetivação da personalidade humana e abraça a dimensão vital, a prática, a hedonística, a estética, a lógica, a ética e a religiosa. A educação tem que percorrer os mesmos objetivos. Cumpre assim à escola, a finalidade de proporcionar aos jovens uma formação que lhes possibilite um desenvolvimento integral, em todas as dimensões da cultura humana. Para atender a este propósito, não pode a escola escravizar-se de aprendizagens chamadas de curriculares (da matemática, do inglês, da geografia, da história, etc), para corresponder à humanidade plena do homem tem que proporcionar a aprendizagem de saberes que o constituem a si próprio como um ser cultural. As atividades extracurriculares desenvolvidas no seio da escola, a exemplo, os clubes de teatro, de artes, de desporto escolar, são algumas das iniciativas que vão de encontro a este objetivo.

Sendo que a cultura representa toda a obra do homem a escola deve proporcionar uma educação cultural em todas as suas dimensões. A escola deve facultar ao aluno, a todos os alunos, a possibilidade de desenvolvimento pleno, em todas as dimensões que constituem o ser humano. “É para a

plenitude da vida humana aberta a todos os homens que aponta, é nela que aposta, a escola cultural. Porque a verdade é esta: o nosso aluno é realmente o nosso educando e o nosso educando é realmente o homem em botão entregue à nossa actividade educativa. A escola cultural é lugar privilegiado do seu florescimento e da sua frutificação” (Patrício, 1996:148).

Se a escola caminhar no sentido de concretizar estes objetivos temos então uma escola cultural que “prevê a formação integral da pessoa humana, a sua liberdade criadora” (Couto,2006:99), em oposição à escola dita tradicional, curricular, programática, unidimensional, que tem como principal finalidade o ensino curricular e em que “o programa educativo é imposto aos educandos, em que o espaço de liberdade real de aprender só pode existir, em alguma medida, no plano metodológico, e em medida nenhuma no plano substancial” (Patrício, 1996:88). A escola, que na perspectiva do autor citado se objetiva no cumprimento de um currículo imposto, “é a escola que reduz o saber ao programa das disciplinas e quer reduzir a vida a esse saber. É a escola que impõe o saber congelado, em vez de propor a aventura de pescar o saber vivo” (Patrício, 1996:92).

A escola não pode valorizar unicamente o conhecimento, o denominado saber científico-tecnológico, como salienta Bento (2010:28) “por definição e essência, a sociedade é ‘humanógena’; a sua principal produção não é a de telemóveis, computadores, submarinos, armas nucleares, aviões ou naves espaciais, mas sim seres humanos”. Este domínio do saber é essencial mas é apenas uma parte da totalidade do saber humano.

A escola cultural não se reduz à dimensão curricular, nem tão pouco a despreza. Acrescenta sim a dimensão extracurricular e a necessidade de articulação entre estas duas. É necessário ir ao encontro de todas as formas de expressão e realização humanas e a dimensão curricular, apenas, não basta. A componente extracurricular, ou extralectiva é extremamente importante pelo vasto e diverso leque de atividades que pode desenvolver, pela possibilidade que oferece aos alunos de se envolver num mundo de aprendizagens que vai

de encontro aos seus anseios e que dão aso à sua liberdade e capacidade criativa. Segundo Lovisolo (2012:123) “A escola deve criar condições especiais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de competências e habilidades. Se deixar de fazer isso, deixará de ser escola e deixará de ser educação”.

O desporto, a música, a pintura, o teatro, a ciência, a literatura são exemplos de clubes que podem ser desenvolvidos na escola, de acordo com o desejo de alunos e professores e que, de facto, vão de encontro ao objetivos de uma escola cultural. Uma escola que se quer viva, em que professores e alunos todos aprendem, em que a procura do saber se vê, se sente e se constrói na sala de aula, no ginásio, nas oficinas, no recreio, etc. Onde o currículo letivo, também ele imbuído de cultura, se envolve com o extraletivo com o nobre propósito de educar. Uma escola que fomenta o gosto por aprender, que suscita a curiosidade pelo conhecimento. Segundo Patrício (1996:72) “A Escola, como templo da aprendizagem autêntica que lhe cumpre ser, deve ser um espaço de felicidade para as crianças e os jovens que nela passam uma parte longa e importante da sua vida”. Ora, para atender a este objetivo, a educação promovida na escola deve ter em conta todas as aspirações do ser humano. Educar todos, em tudo e para tudo deve ser a sua finalidade. Sendo o homem um ser cultural, só uma escola cultural pode responder às suas necessidades educativas.

Segundo Pinto (2005) uma escola verdadeiramente cultural terá de situar-se no interior da comunidade escolar e esta só poderá ser educativa se afirmar o seu carácter cultural. Esta atuação da escola, enquanto comunidade educativa, deve ser entendida numa perspetiva recíproca, a da abertura da escola ao meio e vice-versa. Esta reciprocidade não tem funcionado bem, verificando-se um grande domínio da cultura ambiental sobre a cultura escolar. Os jovens tendem a transportar para a escola o ambiente de incivilidade e de agressividade que vivem na família e no meio ambiente que os rodeia refletindo-se num conjunto de atitudes inadequadas à disciplina interna. A escola parece não conseguir fazer cumprir os seus objetivos.

3.3. A escola como oficina de humanidade

“ Chamo escola perfeitamente correspondente ao seu fim aquela que é uma verdadeira oficina de homens, ... onde absolutamente tudo seja ensinado absolutamente a todos”

Coménio (2006)

A escola pode e deve, de facto, assumir-se como uma oficina de humanidade na medida em que é nela confiada a séria tarefa de educar. Educar significa fazer ser, desenvolver em cada um o potencial ser humano que nele habita. A escola, instituição educativa por excelência, deve proporcionar todos os meios para que os seus alunos se encontrem, se edifiquem, se realizem e conquistem a sua identidade única dentro da alteridade que os circunda.

Na conceção de Patrício (2006) a finalidade da escola é a transmissão cultural, que por sua vez tem por finalidade o homem. Personalizar o homem deve ser o objetivo da escola. Carvalho (2010:73) salienta que “a educação contemporânea para ser o que deve ser- isto é, uma tarefa de Aprender a Ser – tem de se alimentar e nutrir de cultura. Não se trata de uma cultura aplicada à educação mas sim de uma educação cuja orgânica e intencionalidade produtiva é genuinamente cultural. Uma pessoa bem-educada é, seguramente, uma pessoa instruída em cultura, desde logo uma cultura que transborda vida e ajuda a dar-lhe sentido, um sentido”.

O objetivo da educação é transmitir toda uma herança cultural ao novo ser. Numa primeira fase, da infância, é à família que cumpre este propósito. O ensinar a andar, a falar, as primeiras regras de convivência social são os pressupostos básicos da vida humana que se pretendem transmitir ao ser humano para que, posteriormente, possa ser inserido num meio social mais

vasto, como a escola, determinante para a obtenção de uma cultura social. A escola oferece um mundo de conhecimentos que de outra forma não seriam assimilados. Sob a tutela do Estado as escolas obedecem a uma diretriz comum em defesa da identidade nacional, do património histórico e cultural, importante na afirmação social de um povo. Sem prejuízo de uma cultura local, característica do meio social onde a escola está inserida, é de extrema importância uma orientação nacional para que a cultura nacional faça parte da essência de cada um, para a afirmação do carácter nacional de cada ser humano.

A escola para ser uma oficina de humanidade tem de orientar a sua atividade educativa para a formação da pessoa humana. Uma pessoa única, singular que está acima de qualquer enquadramento institucional ou função social. Tem que se traduzir em “percursos de personalização, construídos na alteridade, itinerários de irrupção de cada um no confronto livre com os outros, em dinâmicas sociais de interdependência, de cooperação, de respeito e de liberdade” (Azevedo,2010:14). A pessoa humana está no centro de toda a atividade educativa e como salienta Azevedo (2010) “ a educação é essa “arte” de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que nasce incompleta e só se desenvolve verdadeiramente na medida em que dá lugar ao outro e este o desoculta solidariamente e convoca a desabrochar a humanidade indizível que o habita”.

A transmissão de saberes, a formação curricular de cada aluno é de importância inquestionável na sua formação. Fornece-lhes conhecimentos essenciais que facultam a sua integração social e a sua inserção futura no mercado de trabalho. Mas, antes e acima de tudo, nunca podemos esquecer que em cada aluno há sempre uma pessoa humana, há um ser em constante desenvolvimento que é necessário ensinar a ser. É necessário valorizar o ser humano como pessoa. A escola é assim uma escola de valores porque tem o ser humano no seu cerne, um ser que só por si é valioso. Se pensarmos na educação como um percurso a percorrer ao longo da vida, a escola assume-se como uma instituição de primeira linha na formação de valores que indicarão os

caminhos pelos quais a sociedade trilhará o seu futuro. O caminho que a escola para ele deve traçar é o da busca da perfeição humana. Como salienta Patrício (1993:21) “ educar é realizar progressivamente o que é tido como o bem mais valioso para cada indivíduo humano e para a comunidade humana a que ele pertence”.

Sendo assim a ação pedagógica escolar na sua concepção, planejamento e execução deve ter a ética como pressuposto e a ação de educar deve seguir-se, na perspectiva de Azevedo (2010) por vários princípios. O reconhecimento de cada educando como um ser único, com uma história de vida própria e única que está em constante desenvolvimento, a criação de condições para a irrupção da história de vida de cada um, a visão positiva sobre o outro partindo do princípio que cada um possui em si um potencial único de ser, a possibilidade sempre presente em toda a ação educativa de fornecer a cada um a oportunidade de manifestar a sua singularidade e, o respeito pelo tempo necessário a cada um para que realize aprendizagens significativas assumem-se como os princípios éticos e antropológicos a ser contemplados numa escola que se pretende que seja uma verdadeira oficina de humanidade.

Os tempos contemporâneos exigem assim uma escola cultural que possibilite a todos os alunos uma aprendizagem plena em todos os domínios da formação humana. Uma verdadeira oficina de homens e não de máquinas ao serviço da humanidade. O homem, a pessoa humana deve ser o princípio, o meio e o fim de toda a atividade educativa, quer escolar quer social. O ser humano, a sua perfectibilidade deve ser um objetivo a percorrer no trajeto educativo. Uma educação que respeite a individualidade de cada um, uma educação que permita a todos chegar onde desejam, uma educação que se pautar por valores que visem a perfeição humana.

A sociedade de hoje marcada pelo individualismo, pelo consumo desenfreado, pela exacerbada importância dada à imagem, pela falta de regras de conduta, pela lei do mais forte enfim, por uma desordem de valores, necessita de uma nova ordem. A escola tem um papel fulcral nesta demanda. Ela é a instituição oficial da educação. Ao proporcionar uma educação integral,

multilateral, global aos seus alunos está a contribuir para a sua educação plena dando resposta às diferentes necessidades e anseios de cada um. Ensinar tudo a todos é o que se pretende com a escola cultural. Assim teremos uma verdadeira oficina de humanidade.

4. DESPORTO

4.1. Desporto como atividade cultural

Ao abordar o tema do desporto importa desde já ressalvamos o nosso entendimento acerca do seu significado. De acordo com Bento (2007:21) “...o desporto alicerça-se hoje num entendimento plural; constitui um fenómeno polissémico e manifesta-se numa realidade polimorfa”. É um conceito abrangente que está intimamente ligado a áreas diversas como a medicina, a psicologia, a antropologia, a filosofia, a sociologia, etc. Segundo Garcia (2006:12) “O desporto é um lugar avistado por outros lugares. De todos os lugares se vê a pessoa e tenta-se compreender a pessoa que somos”. O desporto está direcionado para a pessoa humana. Várias ciências têm o desporto como denominador comum na tentativa de compreender a essência do nosso ser.

É polimorfo porque se manifesta também de uma forma abrangente: na competição, na recreação, no lazer, na reabilitação, na aprendizagem motora, etc. É carregado de todos estes significados e sentidos que nos referimos ao desporto e não apenas direcionadas para a o rendimento desportivo. Parafraseando Constantino (2007:59) “...não há desporto no sentido unidimensional do conceito, mas vários modos de o contextualizar, de o praticar e de o vivenciar”. Assumimos o desporto como um termo aglutinador em que o rendimento, a recreação, a educação física, o desporto escolar e todas as demais manifestações são seus constituintes.

Ao longo dos tempos nem sempre foi dada a mesma importância ao fenómeno desportivo. Em cada época assumiu propósitos diferentes. Relembremos por exemplo a Antiga Grécia, referência dos primeiros jogos olímpicos que tinham como objetivo homenagear os deuses, fazer o culto à

beleza e à força física dos homens. O desporto era coroado de um elevado sentido religioso. Os atletas eram símbolo da virtuosidade e os seus corpos eram esculpidos como reconhecimentos da beleza e da estética por eles simbolizada.

No século XIX reconheceu-se no desporto um caminho para o desenvolvimento das mais elevadas qualidades morais: a coragem, a lealdade, a suplantação de si próprio, a aprendizagem do dever, do espírito de equipa e a saúde são alguns dos valores que se reclamaram da prática desportiva.

Podemos dizer que o desporto é sempre situado no tempo e no espaço. Em cada período da história e em cada local o desporto assume diferentes significados e finalidades. Por isso uma definição de desporto torna-se tarefa de difícil execução dado que, como refere Garcia (2004:34) “desporto é tudo aquilo que em cada momento se considera ser desporto”.

Tani (2007:274), analisando múltiplas perspetivas de conceção do desporto, refere que “...o desporto é um património cultural da humanidade, ou seja, algo criado, transmitido e transformado através dos tempos, o que lhe confere uma natureza eminentemente dinâmica”.

Com a evolução da sociedade, o desporto, como parte integrante, também vai evocando as configurações que dela emanam. Uma sociedade atual que apela a todo o tipo de serviços em nome do bem-estar propulsiona também a pluralidade de práticas desportivas e seus fins. Tal como refere Lipovestsky (1994:129) “ O desporto libertou-se do lirismo das virtudes, acertou o passo com a lógica pós-moralista, narcísica e espectacular”. O desporto não é mais só visto como escola da moral ou com o objetivo de rendimento desportivo ou fins religiosos mas sim, como uma variedade múltipla de formas, de sentidos e de cenários. É o “desporto-moda” que entrou na esfera da comercialização, da reciclagem constante de atividades. Um desporto de massas dominado pela procura do prazer, da experiência individual, um desporto centrado no êxtase do corpo (Lipovestsky,1994). Vivemos na era exponencial do “desporto para todos” e, acrescentamos, para cada um. Que vai

de encontro às várias necessidades individuais e que se assume como um direito de cada um inscrito no artigo 4º da Carta Europeia do Desporto onde se lê: “O acesso às instalações ou às actividades desportivas será assegurado sem qualquer discriminação fundada no sexo, raça, cor, língua, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, pertença a uma minoria nacional, condição material, nascimento ou qualquer outra situação”. O desporto nas várias vertentes que manifesta vai ao encontro das expectativas dos seus praticantes. As atividades com crianças, com idosos, com jovens, com atletas, com pessoas diferentes; no lazer, na reabilitação, na competição o desporto oferece resposta às diferentes necessidades da pessoa humana.

A preocupação, a veneração pelo corpo, quer no campo da saúde quer no campo da estética são fatores intrinsecamente associados ao desporto. A vida, hoje sustentada como um valor supremo, incita ao culto do corpo e a tudo a sociedade se dispõe para prolongar a sua jovialidade e longevidade. O desporto nas suas manifestações mais variadas apresenta-se na linha da frente como uma via para atingir estas finalidades. A atividade física está na ordem do dia: exercita-se o corpo para combater os diabetes, o colesterol, as doenças cardiovasculares, a obesidade, a fadiga psíquica, etc. No campo estético realiza-se atividade física desportiva para delinear o corpo, para obter musculatura, tudo em nome de uma boa imagem corporal, de um corpo belo e saudável.

Como refere Bento, “Como as palavras ditas ou escritas, como a ciência e a tecnologia, como a literatura e as mais distintas formas de cultura e arte, o desporto é uma prótese para uma finitude de insuficiências e deficiências que nos limitam e apoucam. É uma réstia de esperança” (2007:23). O desporto é assim visto atualmente como a cura para todos os males, arriscamos a dizer que mais se assemelha à esperança terrestre a par da fé divina. Apela-se ao desporto para a cura de doenças, para a manutenção da saúde, quer física quer mental, para a estetização do corpo, para o lazer. Quase não há mal do corpo ou da alma que não vislumbre no desporto uma saída que beneficie a vida humana.

Ao longo da história o desporto, sob as suas diferentes formas, tem sido uma atividade presente na cultura da sociedade. O desporto é uma atividade do homem e para o homem, é uma criação do homem e ao mesmo tempo um instrumento da sua realização. “O desporto é uma arte, um artefacto, uma invenção para ajudar a fazer o Homem conforme a uma condição social, cultural e moral, datada e situada, reflectida e dimensionada a todo o momento” (Bento,2007:48).

Apesar de estarmos ancorados numa cultura social que relativiza os valores e em que também o desporto não é alheio importa, prementemente, salvaguardar o verdadeiro valor do desporto na vida social e individual.

O desporto é a marca de um povo e um veículo importante de transmissão cultural. Através dos fenómenos desportivos à escala mundial, as diferentes culturas viajam e entrelaçam-se. Na perspetiva de Constantino (2012:88) o desporto faz parte do processo de globalização. “O desporto constitui-se como um dos fenómenos mais abrangentes das sociedades contemporâneas tornando-se, inclusive, uma das práticas sociais de maior unanimidade quanto à sua legitimação social”.

O desporto é símbolo de união entre as nações, a sua linguagem é universal. Em Portugal, na China, no Brasil, futebol é futebol, a linguagem é a mesma, os objetivos, os valores inerentes ao desporto estão presentes à escala mundial. O empenho, o sacrifício, a vontade de superação, as lágrimas, o suor ainda estão presentes em qualquer ser humano que entranhe os grandes e verdadeiros valores desportivos.

Segundo Garcia (2006) o desporto é uma atividade da qual fazem parte vários elementos motores: os deslocamentos, os saltos, os arremessos e as lutas que combinados de variadíssimas formas dão origem a um sem número de atividades desportivas. Movimentos que encontramos na natureza do reino animal mas aos quais o homem acrescentou algo. Acrescentou símbolos, significados, valores. Acrescentou cultura, uma cultura que é própria e exclusiva do homem, vedada ao reino animal.

O autor citado sugere três categorias que fundamentam o desporto: a lúdica, o rendimento e a superação, categorias intrínsecas ao homem. Ao analisarmos o fenómeno desportivo não é difícil decifrar esta tríade de fundamentos. Nas várias manifestações desportivas todas elas estão presentes, em maior ou menor escala. Toda a atividade desportiva comporta uma componente lúdica que se exprime pelo prazer, pelo gozo, pela brincadeira. Desde as atividades mais básicas de crianças até às de alto rendimento é notória a expressão de prazer e felicidade estampada nos rostos e nos corpos de quem as pratica. O lúdico faz parte do homem, proporciona prazer, faz o homem feliz.

O rendimento é a vontade de querer ser mais e melhor, é uma categoria, um valor que dita as nossas vidas. Em tudo que fazemos e desejamos, queremos mais. O desporto como manifestação humana que é, não pode fugir a esta essência humana. Tal como na vida, nele é expresso a vontade de vencer, de se elevar ao cume das suas potencialidades.

Por fim, a superação, um valor ético que quanto a nós nos parece esquecido na atual sociedade derivado da onda de facilitismo que circunda (referimo-nos especificamente ao estado da educação) os jovens de hoje. Estamos convictas que a vida humana esvaziada da vontade de se superar se pautará apenas pela medianidade, jamais almejando a busca da excelência humana. Superar implica querer ir mais longe, mais alto e mais depressa, mais do que aos outros, ultrapassarmo-nos a nós próprios, atingirmos o cume, a plenitude, a excelência. No desporto é evidente a importância da superação que, quando aliada ao rendimento desportivo faz sonhar com a conquista da vitória, com a conquista de um sonho.

A missão e a importância do fenómeno desportivo são de ordem cultural. O desporto é cultura. É um acrescento do homem às atividades naturais motoras. Os animais correm, saltam, lutam mas fazem-no naturalmente, é inerente ao seu determinismo biológico. O homem acrescentou algo a estas atividades inatas dos animais, acrescentou um sentido a esses movimentos naturais. "Desporto, qual acrescento, é o sentido cultural, mesmo axiológico,

que o homem a cada momento atribui a esses elementos motores constitutivos do património natural” (Garcia, 2006:37). Assim sendo, o significado de desporto não é estanque mas sim contextualizado com os ditames da sociedade, em cada tempo e em cada lugar.

No nosso tempo a importância atribuída ao desporto fez crescer à sua volta um mundo que inevitavelmente fazem dele um fenómeno cultural. O desporto está cientificamente consagrado. Várias são as ciências que estudam este fenómeno: a psicologia, a medicina, a sociologia, a antropologia são algumas das grandes áreas que se debruçam sobre a relação do homem com o desporto. É assim assumido como uma ciência que se ramifica em diversas áreas e que se constitui como matéria académica merecedora de ensino, investigação e formação.

O desporto tem uma cultura específica: instituições académicas, artigos científicos, canais de televisão exclusivamente desportivos, bibliografia, federações desportivas, cursos profissionalizantes, economia, indústria, comércio, arquitetura, enfim, todo um monopólio de serviços que o assistem em regime de exclusividade.

Do ponto de vista social, a importância do desporto é bastante relevante. Assume-se como um fator altamente socializante e inclusivo. Salientamos a faixa etária da 3ª idade onde a prática desportiva se tem alastrado permitindo lutar contra a inatividade dos idosos fomentando simultaneamente o gosto pelo convívio, a alegria, a melhoria da qualidade de vida. Acentuamos também a sua presença nos bairros sociais e nos meios mais desfavorecidos e despovoados. O desporto assume aqui uma saída para a ocupação dos tempos livres de uma forma salutar. É um caminho alternativo contra a violência e as drogas, em benefício da formação pessoal.

O desporto tem a capacidade de mover multidões. Na opinião de Bento (1995:247) “...o desporto passou de influenciado a influenciador, adquiriu capacidade para influenciar a vida social e cultural, para ‘desportivizar’ a vida, a sociedade e a cultura”. Segundo o autor o crescimento do desporto em

modalidades e organizações, o grande número de pessoas envolvidas no ensino, na prática, na investigação, os espaços de informação e divulgação e a comunicação social são alguns dos fatores que fizeram com que os modelos de comportamento, de conduta e linguagem do desporto penetrassem na vida social e cultural.

O desporto faz parte da vida das pessoas, da sociedade e, é parte importante no património cultural de um povo. Na perspetiva de Tani (2007:269) "O desporto é um património cultural da humanidade e como tal constitui um acervo a ser amplamente disseminado para que todos tenham acesso a ele, usufruam, transformem, transmitam e assim dêem seguimento ao seu contínuo processo de construção".

Reconhecido o valor cultural do desporto, não se torna difícil argumentar a sua importância na elevação da pessoa humana. O desporto é um valor que compreende um universo de valores que em tudo contribuem para a dignidade humana.

4.2. O valor do desporto

O desporto é considerado como um fenómeno social e cultural de grande relevância na nossa sociedade. Apesar do crescente e preocupante aumento da inatividade física nos jovens, facilmente assistimos à prática de diversas atividades físicas desportivas por diferentes grupos sociais. Crianças, jovens, adultos, deficientes, idosos recorrem ao desporto indo ao seu encontro na escola, no clube, no ginásio, na praia e na rua. Com diferentes objetivos, o desporto está lá, na vida das pessoas, na sociedade. Muitos municípios, mais sensíveis a esta cultura social desportiva, fomentam e incentivam a sua prática com a criação de infraestruturas públicas que facilitem a todos o acesso ao

desporto: os parques desportivos, as ciclovias, as piscinas e pavilhões municipais são exemplos visíveis.

Atualmente o desporto não escapa ao contexto social no qual está inserido. A política, a economia, a cultura social ditam os modos de viver. O desporto, como atividade humana não é alheio a esta demanda e apresenta-se, também ele, com características de mais um produto lucrativo inserido numa sociedade capitalista. Os valores que vigoram na atualidade não são coadjuvantes de uma ética que se quer humanista, em prol da dignidade humana. A era axiológica que vivemos pauta-se por valores subjetivos em que o bem e o prazer individual são prioritários, em que a incerteza e os temores quanto ao futuro fazem valorizar o tempo presente. Fuir a vida aqui e agora é o lema em voga. O desporto assumiu estes valores culturais que primam pelo prazer e pelo tempo livre. A disciplina, o trabalho, o empenho, as regras, o esforço, valores incutidos numa verdadeira educação desportiva diluem-se para dar lugar ao desporto hedonista.

É provavelmente o desporto a atividade que na pele de praticante, ou simplesmente na de espetador, mais provoca no ser humano um infinito de emoções fáceis de constatar. O riso, o choro, a alegria, o sofrimento, a dor, o êxtase, a coragem, a euforia e a ânsia são exemplos que frequentemente se verificam no fenómeno desportivo. O desporto está enraizado nas nossas vidas, a sociedade consome desporto a todos os níveis e este desperta na pessoa humana sentimentos extraordinários que fazem dele um fenómeno francamente apelativo da essência humana. Se assim é podemos afirmar que é um excelente meio para inculcar valores nos nossos jovens, nas crianças, elas que são o património da humanidade. Professores, educadores e treinadores devem estar cientes deste poder educativo de desporto e primar pelo desenvolvimento de valores que dignifiquem os jovens com quem trabalham.

Num tempo em que a mudança a todos os níveis mais parece uma moda, num tempo marcado por cenários de urgência social, num tempo onde a subjetividade de valores é quase uma norma "...urge reinventar os modos de fazer sociedade e comunidade....o mesmo é dizer reinventar a arte do encontro

humano” (Baptista, 2010:90). No desporto, tal como na educação é necessário repensar nos valores para que essa arte de humanizar a sociedade seja projetada. “Citius, Altius, Fortius”, o lema olímpico enunciado por Pierre de Coubertin deve ser o nosso guia de conduta na formação desportiva. O desporto, enquanto atividade social deve ser desenvolvido à luz de princípios e objetivos pautados por um quadro de valores que conduzam à plena formação do homem. Mais longe, mais alto, mais forte são metas do desporto e da pessoa humana. Ao objetivarmos a educação como a plena formação do homem não nos podemos arrear de o mesmo perspetivarmos para a formação desportiva pois, como referem Monteiro e Garcia (2012:293), “A excelência desportiva é parte integrante da excelência humana...” A formação do homem só conduzirá à excelência se para ele olharmos como um todo. Fazendo, o desporto, parte da vida do homem, só cultivando os seus valores mais nobres será possível cooperar na difícil tarefa de educar rumo à perfeição.

O desporto acarreta uma função pedagógica, quanto a nós ímpar na formação humana e de importância vital face aos valores que reinam na atual sociedade. Ele apela ao ser da pessoa humana na sua globalidade. Na conceção de Bento (2010:56) “Como elemento da civilização o desporto é um sistema de valores espirituais, uma prática cultural instituída para espiritualizar o mais possível a dimensão física, motora e biológica do homem, para a esclarecer e legitimar, para a dignificar e levantar”. Na verdade, o desporto tendo o corpo como seu instrumento e obra de dedicação cultua-o numa simbiose díspar com o culto da personalidade humana. Não revemos em mais nenhuma prática cultural este feito, nenhuma outra atividade humana eleva corpo e espírito numa só voz.

Para Marinho (2007:232) “O desporto assume uma função pedagógica de suma relevância na formação do homem hodierno, sendo um veículo transmissor de cultura e sabedorias ética e estética, possibilitando um aperfeiçoamento permanente e encaminhando o homem para o trilho da verdadeira excelência humana”. Um caminho só passível de ser atingido à custa da coragem, dedicação, determinação, responsabilidade, empenho,

persistência, superação, qualidades da personalidade humana fundamentais para quem almeja chegar ao mais alto de si mesmo.

A educação desportiva deve assim ser orientada segundo uma perspectiva que contemple sempre o desenvolvimento humano na sua globalidade e, não apenas, voltada para uma prática pedagógica que se preocupe unicamente com o desenvolvimento das habilidades e capacidades motoras das crianças e jovens. O desenvolvimento pessoa humana na sua globalidade deve ser respeitado em toda e qualquer prática educativa. Ela não é constituída apenas por corpo que se quer exercitar, fazer render, ela é pessoa com sentimentos, emoções, vontades e desejos.

O desporto invoca as várias dimensões da identidade humana. Utilizando o corpo como seu instrumento, facilmente revemos nele a dimensão estética, a hedonística, a lógica, a vital, a ética e a religiosa. A dimensão estética revela-se através do corpo e da beleza dos seus movimentos. Em qualquer modalidade desportiva, apesar de numa ser mais evidente do que em outras, há o apelo à estética através do desenvolvimento das técnicas específicas da prática desportiva que tentam levar à perfeição os gestos próprios da modalidade. É inegável a beleza de movimentos em áreas como a ginástica ou a dança ou mesmo nos jogos desportivos coletivos em que as altas performances técnicas deslumbram os espetadores. Na exigência do desenvolvimento dos gestos técnicos inerentes às diferentes práticas desportivas conduz-se o seu praticante à criação e usufruição da beleza.

O apelo ao prazer é também evidente no fenómeno desportivo. Basta visualizarmos as expressões dos atletas quando conquistam o seu objetivo. A alegria, a satisfação, o sentimento de dever cumprido. Basta olharmos para um grupo de crianças que livremente jogam às “caçadinhas” na rua. Basta contemplarmos um grupo de adultos a jogarem uma partida de futebol ao fim de um dia de trabalho. O prazer está lá, estampado nos rostos e nos corpos suados.

A verdade, o conhecimento, sem dúvida que percorrem o desporto. Como ciência que é possui um vasto domínio de saberes que fazem parte da cultura humana. O desporto dá a conhecer o corpo humano, as suas capacidades, a sua relação com a saúde. Possui um leque variado de temas e conceitos que fazem parte da cultura da humanidade e que importa transmitir e desenvolver.

A dimensão vital que hoje é muito associada à prática desportiva é um dos objetivos pilares consagrados nos programas de educação física dos ensinos básico e secundário. “O desporto dá saúde” é uma frase difundida nos meios de comunicação. O desenvolvimento das capacidades motoras está associado a estilos de vida saudáveis, que melhoram e prolongam a qualidade de vida das pessoas. Várias são as campanhas que incentivam à prática desportiva como um meio preventivo de doenças que afetam hoje a sociedade.

A ética e a conduta moral são por excelência grandes desafios na formação desportiva. Porque o desporto se instala em objetivos que se prendem com o rendimento individual, com a excelência desportiva e na luta e conquista da vitória, a formação em valores éticos assume, na nossa perspetiva, um papel de destaque. A conduta desportiva pauta-se pela humildade, pelo sentido de justiça, pelo respeito, pela disciplina, pelo empenho, pela responsabilidade, pelo jogo limpo, pela coragem, pelo sacrifício, pelo suor e pelas lágrimas, qualidades e sentimentos de uma pessoa de caráter, que dignificam a pessoa humana. No desporto ensina-se a vencer com dignidade.

A religião e os seus valores frequentemente são invocados no desporto. Reza-se no apelo a uma vitória, reza-se pelo seu consumir. O respeito pelo outro, pela diferença, e a bondade são alguns dos valores religiosos que se cultivam na formação desportiva. A religião faz parte das nossas vidas, a fé é invocada no desporto a par de outras atividades humanas.

O desporto é assim um veículo cultural que, através do corpo, eleva o homem na tentativa e busca da perfeição. Uma busca alicerçada pela humanização do espírito, por valores éticos congruentes com a busca da

excelência humana. A importância do desporto reveste-se assim do aperfeiçoamento simultâneo do corpo e do ser que habita nele, do corpo e espírito, uma sincronia única na busca da excelência humana.

Evocamos Bento (2004:34) resumindo o nobre objetivo do desporto “Eis, pois, o desporto como oportunidade para instalar no corpo a razão do espírito, para submeter à animalidade da nossa natureza a racionalidade – moral, cultural, ética e /ou estética da condição humana. Pelos princípios, valores e objectivos, pelos métodos, regras e conhecimentos que regem o exercício, o treino e a competição, o desporto é um ato fundante de Ser do Homem”.

4.3. Contributo do desporto escolar na formação do ser humano

Situamo-nos na escola. Se é aqui o local privilegiado de transmissão do saber elaborado referente aos vários domínios culturais, também é aqui que a cultura desportiva, logicamente, deve ser disseminada. Cumpre à escola e, especificamente aos professores de educação física, esta responsável tarefa educativa. A educação física e o desporto escolar são as vias de que os professores dispõem para a formação desportiva dos jovens. De acordo com Tani (2007:270,271) acreditamos que “a instituição mais apropriada para disseminar às pessoas conhecimentos, atitudes, valores e habilidades relacionados com o desporto, para fomentar a sua prática ao longo da vida, visando ao bem-estar, é a escola, mediante uma disciplina curricular denominada de educação física escolar” e à qual nós acrescentamos também o desporto escolar, atividade extracurricular.

As características do desporto contemplam a vida na sua dimensão individual e social. O desporto é jogo, é competição, é luta, é vitória, é derrota,

é sorte, é azar, é trabalho, é empenho, é desempenho, é técnica, é prazer, é cooperação, é amizade, é risco, é sofrimento e alegria. Nele está incluída a ética, a moral, a estética, a verdade e a inteligência. No desporto sente-se e vive-se um mundo de emoções, valores, regras, da mesma forma que vivemos na vida social. Daí o valor educativo do desporto e especificamente do desporto na escola quer como atividade letiva ou extralectiva: o desporto é uma escola da vida. Segundo Couto (2006:126) “O desporto na escola deve preconizar a cultura, deve ser algo valioso que se ensina pelo seu valor intrínseco e que contempla o saber, o saber fazer e o saber ser no desporto, que prepara para a vida”.

O desporto na escola é algo extremamente atrativo para a maioria das crianças e jovens. Há uma necessidade inata pelo movimento, pela atividade física, pelo jogo, fácil de constatar nos tempos livres dos alunos. Os recintos desportivos que rapidamente ficam lotados mal toca a campainha da escola são prova disso. As aulas de educação física são geralmente as preferidas da maioria dos alunos, essencialmente nos anos de escolaridade mais baixos. O professor de “física” é o mais popular e acarinhado pelos alunos. Está instalado o palco para que a formação desportiva seja consumada. As deficientes e precárias instalações existentes em inúmeras escolas, apesar de dificultarem o ensino de alguns conteúdos, não podem ser um travão na educação desportiva dos alunos. Temos de valorizar o que de melhor fruímos, os alunos e a sua elevada predisposição para a atividade física desportiva.

Cabe aos professores, naturalmente, perspetivarem uma formação desportiva que contemple os jovens como seres humanos na sua plenitude e não apenas como meros protagonistas do corpo físico. O desporto, na escola, tem que visar a formação do ser humano por valores educativos que respeitem as diferentes identidades de cada um, considerando as suas potencialidades e os seus limites. A crise de valores que atravessamos na atual sociedade impõe uma necessidade urgente de dar um rumo à educação em geral e, ao desporto em particular. As crianças e jovens necessitam de uma formação desportiva que os conduza a um estado digno de ser-se humano.

É dever dos professores de educação física na sua ação educativa, seja ela direcionada para as aulas de educação física ou para as de desporto escolar, formar os alunos para serem pessoas desportivamente cultas. Na opinião de Graça (1997:252) isto requer saber, saber fazer e saber ser no desporto, que o autor denomina por ser desportivamente letrado, competente e comprometido. Na esteira do autor o saber ou o ser desportivamente letrado significa conhecer as manifestações desportivas, os seus objetivos, os regulamentos técnicos e táticos, a sua estrutura, os seus rituais e tradições. Implica ainda saber identificar a prática desportiva do ponto de vista ético, operativo e estético. O saber fazer, ou ser competente desportivamente, significa ser capaz de participar na prática desportiva e nela aplicar eficazmente os conhecimentos, as habilidades e capacidades correspondentes. Por fim, saber ser ou ser comprometido desportivamente, significa agir eticamente, agir dignamente em relação a si e aos outros, na verdade, na justiça e na imparcialidade.

A educação física está incumbida de cumprir esta missão, apesar de se confrontar com várias dificuldades. Sem intencionalidade na ordem apresentada começamos por referir a insuficiente carga letiva e a inadequada distribuição horária atribuída à disciplina, principalmente no ensino básico. Em aulas de 45', com 30 alunos que têm de se equipar e efetuar a sua higiene no final da aula em balneários reduzidos verifica-se, lamentavelmente, um tempo efetivo de aula muito aquém do conveniente.

O excessivo número de alunos e as precárias e diminutas instalações desportivas geram conflitos dentro da turma. Os alunos não podem estar simultaneamente envolvidos na tarefa o que dificulta a gestão da turma e reduz o tempo potencial de aprendizagem.

As escassas e inadaptadas instalações desportivas que constantemente conduzem os docentes a adaptações e mais adaptações que em nada dignificam a disciplina. Transparece uma indefinição de objetivos, alheia aos profissionais mas, por vezes, não compreensível para a comunidade escolar.

O facilitismo que atualmente mina a educação é, quanto a nós, um dos fatores que empobrece sobremaneira a formação dos jovens e que obviamente se reflete na educação física. Que tenhamos memória, nunca se exigiu tão pouco e se deu tanto retorno. Quase tudo desculpabiliza a falta de empenho, de disciplina, de postura e atitude na sala de aula. Frequentemente os docentes se vêm obrigados a interromper a aula para resolver distúrbios resultantes da falta de normas de conduta e disciplina dos alunos, que já as deviam ter adquirido há muito tempo.

Poderíamos enumerar mais obstáculos com que se deparam os professores da disciplina mas não se prende com o objetivo do nosso estudo. No entanto, encarnando na pele as dificuldades expostas e sendo o assunto o desporto na escola torna-se difícil não expor as contrariedades com que lamentavelmente nos confrontamos no dia a dia.

O desporto escolar, atividade desportiva extracurricular, de livre escolha dos alunos e de acordo com os seus interesses e motivações é sim o nosso enfoque de análise.

O desporto escolar é uma atividade, felizmente, presente na generalidade das escolas portuguesas mas que lamentavelmente se teme pelo seu desaparecimento, fruto das políticas educativas e das medidas de contenção orçamental que se têm noticiado. Acreditamos que é a atividade que mais enriquece os estabelecimentos escolares, pela dinâmica que impõe, pelo elevado número de alunos que a solicitam, pela diversidade de atividades desportivas que oferece e por se fazer chegar a todos, sem exceção. Uma escola que possui desporto escolar e que desenvolve de forma eficaz e responsável várias atividades desportivas é uma escola ativa e viva, uma escola alegre e enérgica, uma escola cujos alunos vestem a camisola com orgulho e entusiasmo. Uma escola que ocupa o tempo livre dos seus alunos de uma forma salutar e que vai de encontro às necessidades físicas e volitivas das crianças e jovens.

Os objetivos do desporto escolar estão explícitos na Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 51, ponto 5 onde se pode ler “O desporto escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como factor de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados” (2005). Encontramos aqui ressaltado o valor do desporto na elevação do homem físico e do homem psíquico, ao todo, do ser humano pois como refere Constantino “Os valores do desporto situam-se não no plano do ‘corpo motor’, mas do ‘corpo’ que encerra comportamentos que, tendo na base o movimento, suscitam o aparecimento de sentidos e condutas que, justamente, reivindicam uma certa dimensão cultural, da qual decorrem consequências no plano educativo e formativo. Essa é uma das razões para se invocar a presença do desporto na escola” (2007:61,62).

Perante as várias dificuldades com que se depara a disciplina de educação física, e também pelos diferentes objetivos que a disciplina acarreta, o desporto escolar surge como um complemento formativo de importante relevo na educação dos jovens.

Concordamos com a conceção de Tani (2010) relativamente aos objetivos do desporto na disciplina de educação física. Para o autor estas aulas devem objetivar o ótimo rendimento tendo sempre em consideração os limites e as potencialidades dos alunos em termos físicos, psicológicos, sociais e culturais, respeitando as diferenças individuais de valores, expectativas e preferências.

Na educação física a aula é para todos, os mais e os menos hábeis, tentando elevar cada um ao seu aperfeiçoamento individual.

Na educação física ensina-se (quase) tudo, os alunos são confrontados com várias modalidades que nem a todos agradam mas que tem por objetivo transmitir um património motor alargado.

Na educação física visa-se a aprendizagem das diferentes modalidades e seus conteúdos. Importa levar os alunos a vivenciar o máximo de repertório motor, conhecer, compreender e interpretar as diferentes modalidades.

O desporto escolar é uma oportunidade para os alunos praticarem e se aperfeiçoarem numa modalidade desportiva que vá de encontro aos seus interesses e que nas aulas de educação física não têm oportunidade de o fazer. Entendemos que assume uma posição intermédia entre o desporto preconizado na educação física e o desporto de rendimento sendo muitas vezes o trampolim para o desporto federado, para o clube.

Uma característica valiosa do desporto na escola é, e de acordo com Soares (2012) o seu carácter democrático e integrador. Na escola ele chega a todos, é de todos e para todos. Rico ou pobre, feio ou bonito, negro ou branco, grande ou pequeno, gordo ou magro, religioso ou ateu, bom ou mau aluno, todos nele podem participar. E independentemente da cor, das aptidões físicas ou, da classe social qualquer um pode, à custa de trabalho, empenho, vontade de superação, chegar ao cume das suas potencialidades.

Muitas vezes o desporto escolar é o único meio de praticarem e se aperfeiçoarem numa modalidade que corresponda aos seus interesses. As dificuldades de transporte escola/clube, o encargo económico e a falta de permissividade por parte de alguns pais em deixarem os jovens chegar tarde a casa (principalmente as meninas) são fatores que levam à opção do desporto na escola relativamente aos clubes desportivos. Realizando-se na escola eliminam-se as dificuldades de organização familiar e ainda mais, ocupam-se os tempos livres dos alunos, preocupação atual devida à ausência física dos pais por questões laborais. Salientamos ainda o facto de em algumas localidades não existirem clubes desportivos próximos ou então, caso existam, não desenvolverem atividades que correspondam às perspetivas dos jovens.

Outro benefício que a nossa experiência não permite omitir é a participação dos jovens diferentes. São experiências que marcam e que nos dão alento nesta profissão hoje tão desacreditada e desvalorizada. Estes

alunos refletem geralmente uma baixa autoestima oriunda da sua incapacidade e por mais vontade que sintam de participar numa atividade desportiva, sentem-se diferentes, incapazes e excluídos. O clube não tem lugar para eles, é a escola, os professores e os seus colegas e amigos que oferecem o ambiente mais seguro e acolhedor para que eles possam mergulhar num mundo que também lhes pertence. É claro que tudo depende do grau de deficiência e das atividades desenvolvidas pela escola mas, quando a sua integração numa atividade acontece, os resultados são notáveis. O jovem gradualmente vai ultrapassando desafios, derrubando barreiras até que chega a um ponto que esquece a diferença e se vê igual aos outros. Os ganhos em termos pessoais são enormes e acarretam consequências francamente positivas nas várias disciplinas curriculares. Em termos de grupo, a solidariedade, a cooperação, a superação, o empenho, o incentivo, a sensibilidade e o respeito pela diferença vivem-se de tal forma que nos fazem sentir o dever cumprido e perceber, confiar e acreditar que a escola e o desporto são uma verdadeira oficina de humanidade.

Outro contributo do desporto escolar e, de extrema importância na formação dos jovens, principalmente nas atividades de quadro competitivo, é a possibilidade dos alunos participarem na organização e gestão dos encontros desportivos. Sob a orientação dos professores, participam ativamente na dinâmica da atividade: preparam os materiais, vão para as mesas de jogo, arbitram os jogos, distribuem lanches aos colegas, etc. E é maravilhoso observar a forma responsável, dedicada e eficiente com que os alunos mais rebeldes e por vezes mais indisciplinados cumprem estas tarefas. Quanto a nós, este é um dos casos mais notórios que refletem o valor do desporto na educação. Convém ainda destacar o benefício dos cursos de arbitragem promovidos pelo desporto escolar que são um verdadeiro contributo formativo e ao qual os alunos aderem com entusiasmo. É uma oportunidade acrescida de formação e de olhar o desporto sob outro prisma. Ser árbitro, para além de impor o cumprimento das regras, implica alargar a visão de praticante, aprender a olhar de fora para dentro, colocar-se no lugar do outro. Também é aqui que os alunos menos adeptos da prática desportiva e os alunos

portadores de deficiências têm um lugar onde não existem barreiras. Mesmo não sendo praticantes encarnam e assumem os valores desportivos. Na organização das atividades é feito o apelo ao cumprimento de regras, à disciplina, à iniciativa, à autonomia, à criatividade, à responsabilidade, à cooperação e ao trabalho de equipa.

Não podemos deixar de mencionar o seu contributo para criação de estilos de vida saudáveis. Na prática desportiva extracurricular incute-se a criação de hábitos desportivos hoje tão necessários perante o panorama geral da saúde. Cabe à escola exaltar as virtudes do desporto no combate à obesidade, às doenças cardiovasculares, à diabetes tipo 2 e a demais problemas de foro orgânicos e psíquico que estão diretamente relacionados com a inatividade física.

O desporto escolar não é seletivo nem excludente. Os seus objetivos não se prendem prioritariamente com o rendimento como muitas vezes acontece nos clubes desportivos. Os seus objetivos orientam-se essencialmente para a formação humana, na elevação das capacidades físicas, no aperfeiçoamento de habilidades motoras, na aquisição de hábitos de vida saudáveis, na elevação da autoestima e da autoconfiança, no respeito pela diferença, na cooperação, no espírito desportivo, etc. No desporto escolar todos têm oportunidade de participar e evoluir.

Atualmente as normas de desporto escolar possibilitam a participação em número ilimitado de alunos federados nas equipas de quadro competitivo, contrariamente ao que se passava há alguns anos atrás. Esta medida se por um lado veio democratizar o desporto escolar, por outro, veio implicar um grande apelo ao bom senso dos professores. Constata-se muitas vezes que alunos que treinam assiduamente com dedicação e afincos são dispensados a favor de outros que não assumem esta atitude durante os treinos. O vedetismo não pode imperar sobre o trabalho e o empenho, a formação em valores éticos não pode ser posta em causa.

Perante este enquadramento creio que a atuação dos professores é crucial. Eles têm um papel de destaque na escola e na responsabilidade de formar os alunos. Como salienta Bento (2010:56) “os professores de educação física são educadores do homem, por meio da sua corporalidade, em nome e a rogo do espírito”. A eles cabe a missão de criar condições para que todos os alunos se possam enquadrar voluntariamente em atividades desportivas que os motivem e realizem como pessoas e como desportistas. São variadíssimas as atividades de desporto escolar que se podem desenvolver na escola, são vários os interesses dos alunos, só é necessário que haja vontade e sentido ético para que seja dada oportunidade a todos.

Perante a educação física o desporto escolar surge assim como o suprimento às suas limitações ou, melhor dizendo, como um contributo reforçado à formação desportiva dos jovens. O desporto escolar dá azo à liberdade dos alunos, é uma porta aberta para o aperfeiçoamento desportivo na modalidade eleita. Ele objetiva um rendimento superior ao preconizado nas aulas de educação física pois é orientado para um menor grupo de alunos que estão de igual forma motivados para a aprendizagem. Selecionando aleatoriamente os alunos mais hábeis, pois são os que se identificam mais com a modalidade escolhida, impõe ao treino maior performance. Se bem que a sua ação é predominantemente orientada para a aprendizagem, a competição é mais frequente sem que no entanto seja esse o seu objetivo último, ela surge como o culminar e avaliação das aprendizagens realizadas e não como um produto em si.

O desporto escolar é assim, pela sua organização, pelos seus objetivos e pelas características do treino uma ligeira aproximação ao desporto de rendimento. Não há lugar ao facilitismo imposto nas aulas de educação física. Aqui, quem quer ser bom tem que se vergar à dedicação, ao empenho e ao suor, Tem que encarnar no corpo e na alma os verdadeiros valores do desporto. Porque como tão esplendidamente refere Bento (2010, pp.62) “... porquanto o desporto é uma moral em acção e uma pedagogia da vontade. Nele manifesta-se o domínio do corpo natural pelo desejo morais...Actos

desportivos são espirituais e anímicos. Somente são físicos na superfície da aparência; na profundidade da sua essência são sempre desafios éticos, decisões e exercícios volitivos, uma terapia activa para buscar o que nos falta ou conservar o que temos”.

Olhamos para o desporto escolar como um ato volitivo já que parte do princípio que a escolha é dos alunos. Não é uma atividade imposta, é livre e opcional, de acordo com os desejos de cada aluno. Quem nele participa é sujeito livremente aos princípios do treino que são orientados por valores éticos e condutas morais que atualmente estão esvaziados de sentido na sociedade. Acreditamos assim que, quando orientado por profissionais imbuídos de um profissionalismo eticamente responsável e, comprometedor com a formação integral dos seus alunos, o desporto escolar configura-se como um excelente contributo para a formação humana.

O desporto é um universo, entre outros que integram na sociedade. Cada em deles é regido por um sistema de valores próprio ainda que ajustados aos emergentes valores sociais globais. O universo desportivo integra um conjunto de regras, condutas, princípios e valores que, através do corpo elevam a personalidade humana que por sua vez eleva o corpo. É-se atleta de corpo e alma, um comanda o outro. A vontade de ir mais além, mais alto é um ato volitivo de esforço, determinação e superação que se imprime ao corpo físico. A exigência do treino inscrita no esforço, no empenho, na disciplina, no rigor, na rotina, na abdicação, apela à coragem, à garra, a uma luta interior de apelo à transcendência humana.

O desporto escolar para se constituir uma verdadeira atividade formativa tem que partir da premissa que as crianças e jovens que nele participam são um ser em formação, são antes e acima de tudo, pessoas com identidades singulares que importa salvaguardar.

O desporto é um subsistema social regido pelas normas que vigoram no sistema global. Diante de uma perda de referências sociais, de uma norma coletiva, de uma desordem de valores, de um sentimento de insegurança, e de

uma cultura individualista do tempo presente, urge necessidade de investir numa educação humanizadora. Uma educação que instaure a cidadania, a criatividade, a participação ativa, responsável e consciente na sociedade, a autonomia, o espírito crítico, um sentimento ético e uma conduta moral que dignifiquem a vida humana.

Por que o desporto não pode estar desenquadrado da sociedade global, todas as manifestações desportivas devem ser desenvolvidas à luz deste princípio, o de humanizar. Desporto lazer, rendimento, reabilitação, educação física, desporto escolar, todos sem exceção devem ser fiéis ao compromisso educativo de formar a pessoa como um todo, não desprezando a sua individualidade, as suas diferenças e, muito menos a sua complexidade. O valor pedagógico e educativo do desporto deverá estar sempre presente.

O desporto escolar, nomeadamente, é verdadeiramente educativo quando proporciona a todos, sem exceção, a oportunidade de participarem sem constrangimentos ou limitações; quando a todos exige empenho e dedicação sem esquecer no entanto os limites e as potencialidades de cada um; quando promove o respeito do outro e de si próprio; quando instala regras que todos cumprem com justiça e retidão; quando na vitória manifesta a humildade e na derrota a vontade de não se render; quando coloca desafios e dificuldades convidando cada um a suplantar-se; quando promove o respeito, a cooperação, o espírito desportivo; quando aplaude a iniciativa, a autonomia e a criatividade; quando exige esforço, suor e lágrimas e recebe empenho e dedicação; quando a vontade de querer ser melhor, de se empenhar, de trabalhar, de se sacrificar, parte do desejo e da vontade de cada um. E isto porque o valor do desporto não está no desempenho, na perfeição das técnicas, na beleza dos movimentos, nos records. De acordo com Bento (2004) acreditamos que o valor do desporto está no contributo educativo e formativo do ser humano porque ensina o homem que o corpo exprime tudo o que somos por dentro e que a perfeição exterior se conquista com trabalho, empenho, honestidade, dedicação, persistência, justiça, amizade, sacrifício,

responsabilidade, disciplina, humildade e outras tantas qualidades que o dignificam por dentro.

Acreditamos que a escola, o desporto em geral e o desporto escolar podem, em mãos de profissionais verdadeiramente comprometidos com a formação (desportiva) do homem, assumir o papel que lhe compete: ser uma verdadeira oficina de humanidade.

Na incapacidade para melhor definir o valor axiológico de desporto terminamos com esta maravilhosa afirmação:

“O desporto instala em conceitos e preceitos, princípios e ideais, deveres e obrigações, ilusões e utopias. Implica metas e compromissos, hábitos e rotinas de trabalho para lá chegar. Coloca barreiras, desafios e dificuldades e convida a nossa natureza a não se dar por satisfeita com o seu estatuto, a suplantar-se e a obter carta de alforria, procurando alcandorar-se a níveis para os quais não se apresenta como particularmente predestinada. Nela aprendemos que não podemos descansar e que o mérito e o sucesso sérios e honrados custam dedicação porfiada e suada, uma vez que o talento é raro, porquanto, ao contrário do que consta no registo bíblico”.

Bento (2007: 27-28)

5. CONCLUSÕES

A realização deste estudo assumiu-se desde o início como um desafio extremamente motivante. Desde cedo acreditamos no valor educativo do desporto e, o exercício e experiência profissional fazem-nos acreditar diariamente no poder da escola para a educação nesses valores.

Perceber qual o contributo do desporto escolar na educação em valores humanos levou-nos a refletir sobre questões acerca da natureza humana pois só num cuidado entendimento da nossa essência é possível perceber a nossa atuação. A nossa vida é uma ação que por vezes não é devidamente pensada e analisada. Este estudo permitiu-nos refletir mais aprofundadamente sobre o valor educativo da nossa profissão e reavivar a importância vital da nossa função na educação pelo desporto.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho apoiamo-nos na revisão da literatura sobre as áreas a estudar, tentando refletir sobre as perspetivas de diferentes autores para chegar a uma conceção mais coesa sobre o estudo em questão.

A compreensão da natureza humana, da sociedade e da educação facilitou o nosso entendimento sobre a importância da escola como uma oficina de humanidade e, posteriormente, o contributo do desporto e, especificamente, do desporto escolar.

Concluimos que a escola para ser uma verdadeira oficina de humanidade tem que preconizar o princípio enunciado por Coménio, de ensinar tudo a todos e que só uma escola verdadeiramente cultural pode almejar esse objetivo. Uma escola cultural é a que compreende no seu currículo, para além das atividades letivas standardizadas, atividades extracurriculares diversas que vão de encontro às diferentes expectativas dos seus alunos. Porque cada aluno é uma pessoa única e com uma personalidade inalienável é imprescindível respeitar essa unicidade e ir de encontro às suas necessidades

e aspirações para que cada um, por meio da educação, possa vir a ser mais e melhor ser humano.

Numa análise atenta sobre o estado e valores da atual sociedade, acreditamos que a escola tem um papel essencial na educação dos jovens. O desafio é grande mas é urgente reorganizar os valores vigentes. Antes de tudo é necessário que a escola assuma o seu papel principal: formar e educar para que os jovens possam vir a ser cidadãos responsáveis, ativos, criativos, e conscientes. Há que apostar na exigência, na responsabilidade e na disciplina. É necessário redescobrir e exaltar o humanismo. A nossa perspectiva aposta numa educação em valores onde a ética ocupa um lugar hierarquicamente superior. O ser humano não está isolado no mundo, é um ser social por natureza. Uma educação em valores éticos reflete uma conduta moral que dignifica o homem e a convivência social. Importa educar cada aluno pela ética pois a capacidade de transformar o coletivo parte sempre da nossa transformação individual.

O valor intrínseco do desporto está instalado na ética humanizadora. O contributo educativo do desporto escolar é riquíssimo em valores que instalam uma conduta moral que promove a equidade, a justiça, a responsabilidade, a integridade, a retidão, o respeito pelo outro, e outra tantas qualidades morais que edificam a nobreza do caráter, do ser-se humano. Acreditamos plenamente que o desporto é uma escola de vida.

Perante tudo isto surge o espanto e a indignação. Surge a interrogatória de porquê não ser dado o devido valor ao desporto na escola. Talvez culpa dos professores, talvez da escola, talvez da tutela educativa, talvez de todos eles. Provavelmente de uma cultura social que ainda não olhou para o desporto como ele é, não se apercebendo do seu poderoso valor educativo.

Acreditamos na mudança. Acreditamos que cada um pode fazer a diferença e que, se todos juntos remarmos na mesma direção, o objetivo será alcançado. Mudar para humanizar e para que a excelência humana deixe de ser uma utopia e passe a ser um lema de vida.

6. BIBLIOGRAFIA

Araújo, L. (2010). *Ética: Temas sociais*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Ahlert, A. (2007). Fundamentação filosófica da educação. *Revista Iberoamericana de Educación*, nº 42/6 (versão eletrónica) Consult. 18 fevereiro 2012, disponível em www.rieoei.org/jano/1950Ahlert.pdf.

Azevedo, J. (2010). Como construir uma escola de qualidade para todos, onde se aprenda melhor? In Azevedo, J. e Alves, J.M. (Eds.). *Projecto Fénix – Mais Sucesso para todos: Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar.*, consult. 17 abril 2012, disponível em repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3099/1/Fenix_JA.pdf.

Baptista, I. (2010). Eleição e fecundidade antropológica-ética e pedagogia de alteridade. In Carvalho, A.D. (Coord.). *Limiares Críticos Da Educação Contemporânea*, (pp.85-91). Porto: edições Afrontamento.

Barbosa, A.G. (2010). A Educação holística. In Azevedo, J. (Ed.). *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (pp.7-21). Lisboa: Universidade Católica Editora.

BARBOSA, Emerson Silva (2011). *O conceito de homem, pessoa e ser humano sob as perspectivas da Antropologia Filosófica e do Direito*. Consult. 19 fevereiro 2012, disponível em http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9837.

Béji, H. (2006). A Cultura do Inumano. In Blindé, J. (Dir.). *Para Onde Vão Os Valores*, (pp.57-64). Lisboa: Instituto Piaget-Divisão editorial.

Bennani, A. (2006). Introdução. In Blindé, J. (Dir.). *Para Onde Vão Os Valores*, (pp. 31-33). Lisboa: Instituto Piaget-Divisão editorial.

Bento, J. O. (1995). *O outro lado do desporto*. Porto: Campo das letras-Editores, S. A.

Bento, J. O. (2004). Desporto e Humanismo: o campo do possível. *Ação e movimento: Educação Física e Desportos*, I, nº I março/abril 2004, 30-38. Consult. 11 agosto 2012, disponível em www.pilatessorocaba.com/artigos/Acao_movimento_2004.pdf

Bento, J.O. (2007). Em Defesa do Desporto. In Bento, J.O. e Constantino, J.M. (Coord.). *Em Defesa do Desporto*, (pp. 9-55). Coimbra: Edições Almedina.

Bento, J. O. (2010). *Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor: Auto-retrato*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física

Carta Europeia do Desporto. Consult. 25 agosto 2012, disponível em www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc120.pdf

Carvalho, A. D. (Coord.) (2010). *Limiares Críticos da Educação Contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.

Coménio. (2006). *Didáctica Magna*, (5ªed). Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

Constantino, J.M (2007). Os valores educativos do desporto: Representações e realidades. In Bento, J. O. & Constantino, J. M. (Coord.). *Em Defesa do Desporto: Mutações e Valores em Conflito*, (pp.57-79). Coimbra: Edições Almedina, SA.

Constantino, J.M. (2012). A globalização e a identidade do desporto africano. In Tani, G., Bento, J.O., Gaya, A.C.A., Boschi, C. e Garcia, R.P. (Eds.). *Celebrar a Lusofonia*, (pp 87-116). Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

Couto, A.C.P. (2006). *A educação física á luz do movimento da escola cultural: Investigação centrada no Projecto Guanabára na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais-Brasil*. Porto. A. Couto. Dissertação de doutoramento apresentada à faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

D'Abadia, J.S. (2009). *Homem na filosofia ocidental*. Consult. 18 fevereiro 2012, disponível em www2.ifrn.edu.br/ppi/lib/exe/fetch.php?media=textos...homem...oci....

Delius, C., Gatzemeier, M., Sertcan, D. e Wünscher, K. (2001). *História da Filosofia: Da Antiguidade aos dias de Hoje*. (J.M. Consultores, trad.). Germany: Könnemann Verlagsgesellschaft.

Delors, J. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da comissão internacional sobre a educação para o século XXI*. Rio Tinto: Edições ASA.

Durkheim, E. (2001). *Sociologia, Educação e Moral*. Porto: Rés - Editora, Lda.

Freire, P. e Horton, M.(2003). *O caminho se faz caminhando: Conversas sobre a educação e mudança social*. Petrópolis; RJ: Editora Vozes.

Garcia, R. (2006). *Textos de Apoio à Disciplina de Antropologia do Desporto*. Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.

Garcia, R. P. e Lemos. K. (2011). *Temas (Quase éticos) de desporto*. (2ªed). Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

Garcia, R.G. e Monteiro, A.O. (2012). O Desporto no horizonte educativo da aretê. In Tani, G., Bento, J.O., Gaya, A.C.A., Boschi, C. e Garcia, R.P. (Eds.). *Celebrar a Lusofonia*, (pp. 293-314). Belo Horizonte: Casa da educação física.

Graça, A.S. (1997). Os Valores na Educação Física. In Patrício, M.F. (Org.), *A Escola Cultural e os Valores*, (pp.251-257). Porto: Porto Editora.

Gonçalves, M. (2011). *Adaptação seres vivos I*. Consult. 15 junho 2012, disponível em <http://pt.scribd.com/doc/52262212/ADAPTACAO-DOS-SERES-VIVOS-1>

Kröeber, A.L. (1993). *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto. *Lei de Bases do Sistema Educativo*.

Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'água, editores, Lda.

Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do Dever: A Ética Indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Lipovetsky, G. e Charles, S. (2011). *Os tempos hipermodernos*. Lisboa: Edições 70,Lda.

Lovisol, H.R. (2012). Paradoxos dessa coisa "dita" educação física: A desvalorização da desvalorização. In Tani, G., Bento, J.O., Gaya, A.C.A., Boschi, C. e Garcia, R.P. (Eds.). *Celebrar a Lusofonia*, (pp 117-136). Belo Horizonte: Casa da educação física.

Magalhães, W. S. (2009). *O que é o homem afinal?* Consult. 17 fevereiro 2012, disponível em www.ebah.com.br/content/ABAAAAOZcAH/que-homem-afinal.

Marinho, T. (2007). Em defesa do desporto de alto rendimento – o mito de Sísifo e eu. In Bento, J. O. & Constantino, J. M. (coord.). *Em defesa do desporto: Mutações e Valores em Conflito*, (pp.231-244. Coimbra: Edições Almedina, SA.

Matsuura, K. (2006). Prefácio. In Blindé, J. (Dir.). *Para onde vão os valores*, (pp. 19-20) Lisboa: Instituto Piaget-Divisão editorial.

Mirandola, G.P. (2006). *Discurso sobre a dignidade do homem*. Lisboa: Edições 70,Lda.

Monteiro, A. R. (2005). *Deontologia das profissões da educação*. Coimbra: Edições Almedina, SA.

Morin, E. (2004). A ética do Futuro e a Política. In Blindé, J. (Dir.). *Para onde vão os valores*, (pp. 305-308). Lisboa: Instituto Piaget-Divisão editorial.

Musée Olympique Lausanne,(2007). *Os Jogos Olímpicos na Antiguidade*. (2ªEd.),(Marques, G.S. Trad.). Consult. 25 agosto 2012, disponível em www.jogosdequelfes.com/.../os_jogos_olmpicos_na_antiguidade.pdf

Patrício, M. F. (1992). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: Teoria e Prática*. Porto: Porto editora.

Patrício, M. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Patrício, M. F. (1996). *A escola cultural: Horizonte decisivo da reforma educativa*. Lisboa: Texto editora, Lda.

Patrício, M. F.; Sebastião, L. (2004). *Conhecimento do mundo social e da vida: Passos para uma pedagogia da sagesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

Patrício, M.F. (2008). Perenidade de Aretê como horizonte apelativo da Paideia: Sobre a excelência na educação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8, 287-295.

Pinto, J. L. (2005). *Escola Global: Quo Vadis?* Porto: Campo das Letras - Editores, SA.

Pires, M. L. B. (2006). *Teorias da cultura*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Pourtois, J.P. e Desmet, H. (1999). *A Educação Pós Moderna*. Lisboa: Instituto Piaget.

Renaud, M. (1989). Antropologia. In *Logos - Enciclopédia luso-brasileira de filosofia*, (Vol 1), (pp.311-318). Editorial Verbo: Lisboa/São Paulo.

Savater, F. (2000). *As perguntas da vida* (2ªed). Lisboa: Publicações D.Quixote.

Savater, F. (2003). *A coragem de escolher*. Lisboa: Publicações D.Quixote.

Sebastião, L. (2008). *Educar com Sentido: No Horizonte de Teilhard de Chardin*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Soares, J. (2012). *O desporto nas crianças: O papel da escola*. Consult. 2 agosto 2012, disponível em www.josesoares.pt.

Sponville, C.S. (2001). *Apresentações da filosofia*. Lisboa: Instituto Piaget.

Tani, G. (2007). Desporto e escola: Que diálogo é ainda possível? In Bento, J. O. & Constantino, J. M. (coord.). *Em defesa do desporto: Mutações e Valores em Conflito* (pp.269-287). Coimbra: Edições Almedina, SA.

Torres, S.C.S. (2006). *A escola como a oficina da humanidade: A pessoa com deficiência no agrupamento de escolas d'Agrela e Vale do Leça*. Porto: S. Torres. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Sampaio, D. (2011). *Artigo de opinião de Daniel Sampaio do Público de 9 de Outubro de 2011*. Consult. 16 janeiro 2012, disponível em <http://criancasatortoeadireitos.wordpress.com/tag/daniel-sampaio/>.

Severino, A.J. (2006). *A busca do sentido da formação humana: Tarefa da Filosofia da Educação*. Consult. 16 janeiro 2012, disponível em www.scielo.br/pdf/ep/v32n3/a13v32n3.